

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Mestrado Profissional em Educação e Docência

Wagner Francis Martiniano de Faria

**O CURRÍCULO EM AÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: CONTRIBUIÇÕES
PARA A DISCUSSÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Belo Horizonte

2017

Wagner Francis Martiniano de Faria

**O CURRÍCULO EM AÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: CONTRIBUIÇÕES
PARA A DISCUSSÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades

Orientadora: Profa. Dra. Eliene Lopes Faria

Belo Horizonte

2017

F224c
T

Faria, Wagner Francis Martiniano de, 1987-

O currículo em ação da Educação Física : contribuições para a discussão de gênero no contexto escolar / Wagner Francis Martiniano de Faria. - Belo Horizonte, 2017.
77 f., enc, il.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora : Eliene Lopes Faria.

Bibliografia : f. 73-77.

1. Educação -- Teses. 2. Educação física -- Estudo e ensino -- Teses.
3. Educação física -- Relações de gênero -- Teses. 4. Educação física -- Currículos -- Teses. 5. Professores de educação física -- Formação -- Teses.

I. Título. II. Faria, Eliene Lopes. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 796.07

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

UFMG


FOLHA DE APROVAÇÃO


O CURRÍCULO EM AÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A
DISCUSSÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR


WAGNER FRANCIS MARTINIANO DE FARIA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 03 de fevereiro de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof. Dr. Wagner Faria - Orientador
UFMG


Prof. Dr. Natália Siqueira Castro
UFMG


Prof. Dr. Patrícia de Oliveira Lima
UFMG

Belo Horizonte, 03 de fevereiro de 2017.

Aos que à margem dos sonhos, não podem, nem poderão atingir o conhecimento acadêmico. Aos que direta e indiretamente contribuem para que exista pesquisa e exista verdade no tratamento das diversidades e diversos na realidade humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais, que em seus espaços, saberes, livros, pessoas e motivações, eleva-me como pequeno embrião do saber.

À professora Doutora Eliene Lopes Faria que desde o primeiro encontro na Banca de seleção, confiou a mim sua primeira orientação no Mestrado. Que responsabilidade! Agradeço pelas aparas, pelo incondicional zelo aos meus anseios, ansiedades e inquietações. É para mim, exemplo de excelência.

Aos amores, idos e vindos, que compreendem o exercício da academia, a necessidade da ausência, as noites e dias de questionamentos de todo um mundo.

À família, que me orgulha pelo orgulho que têm de mim. Serei sempre honrado pela confiança que me creditam.

Aos/às professorxs e colegas do Programa de Mestrado que compartilharam vivências, experiências e visões acerca dos mais variados temas e que, direta e indiretamente se personificam aqui neste trabalho.

Aos/às professorxs, alunxs, gestorxs e comunidades escolares que me acolheram para a pesquisa e que me concederam a satisfação de observá-los, analisá-los e vivê-los.

Às amigas e companheiras de estrada Carolina Teixeira de Paula e Ló-Ruama Lóring Bastos, que escutaram as críticas, as dificuldades, os momentos de dúvidas e me ofertaram ouvidos, colo e discernimento nos momentos de dificuldades.

À Secretaria e Coordenação do Programa de Mestrado que atenderam as minhas inquietações, reclamações e incontáveis questionamentos. Obrigado pela paciência, em especial a angelical e querida Ângela Maria de Araújo Almeida.

Aos compositores, musicistas e cantores que me trouxeram alegria e companhia nestes mais de 15 meses de viagem Divinópolis – Belo Horizonte – Divinópolis. Viva a música!

O domínio e a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo.

Foucault (1993, p.146)

RESUMO

Esta dissertação caracteriza-se como o produto final da pesquisa que descreve de forma reflexiva e crítica as ações de observação e análise em duas escolas estaduais de Minas Gerais, perfazendo a relação dialógica entre educação física, práxis escolar e diversidade de gênero. Apresenta-se como objetivo central desta pesquisa a análise da práxis dos docentes de EF do ensino médio, em observância ao diálogo destes com as questões de gênero na perspectiva do currículo em ação. Esta pesquisa foi desenvolvida com aporte teórico de estudiosxs que pesquisam a temática debatida, bem como em documentos norteadores de ambas as instituições pesquisadas. Também se apresenta neste trabalho algumas considerações acerca do trabalho de elaboração do Produto Técnico, inspirado na pesquisa que adiante se apresenta. Este Produto, intitulado *Caderno de Ideias: Diversos e Diversidades nas aulas de Educação Física – Jogos, dinâmicas, debates e afins* consiste em material didático de suporte para a formação continuada de professorxs de EF, em especial xs atuantes na etapa do ensino médio.

Palavras-chave: Currículo em ação; Educação Física; Professor; Diversidade; Gênero; Ensino Médio.

ABSTRACT

This essay features itself as a final product of a research that in a reflexive and critic form describes the actions of observation and analysis of two public schools on the state of Minas Gerais, accomplishing the dialogical connection between P.E., school praxis and gender diversity. The main goal of this research is the professor's high school praxis of P.E. in compliance to these dialogues with gender issues in the curriculum perspective in action. This research was developed with the theoretical contribution of experienced scholars on the debated topic, as well as guiding documents of both analyzed institutions. This work also includes some considerations regarding the technical product elaboration work inspired by the research ahead. This product called "Ideas' Notebook: Diverse and Diversity on P.E. – Games, Dynamics, Debates and Related for P.E. Teachers." Consists in a support courseware in the continuing education of P.E. active professors of high school in particular.

Keywords: Curriculum in Action; Physical Education; Teacher; Diversity; Gender; High School.

ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES: Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

CEFET-MG: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

COLTEC: Colégio Técnico

CONBRACE: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte

CONICE: Congresso Internacional de Ciências do Esporte

EBAP: Escola de Educação Básica e Profissional

EEFFTO: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

EF: Educação Física

EJA: Educação de Jovens e Adultos

FACEB: Faculdade de Educação de Bom Despacho

FAE: Faculdade de Educação

GDE: Gênero e Diversidade na Escola

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9.394/1996

LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Intersex

MEC: Ministério da Educação

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PEAS: Programa de Educação Afetivo-Sexual

PPP: Projeto Político Pedagógico

PROETI: Projeto Escola de Tempo Integral

PROMESTRE: Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência

SECADI: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SIMADE: Sistema Mineiro de Administração Escolar

UAB: Universidade Aberta do Brasil

UFLA: Universidade Federal de Lavras

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO E ALGUMAS ANTECIPAÇÕES.....	12
1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	17
1.1 Articulando a problemática da pesquisa e seus pormenores.....	17
1.2 Reflexões sobre o contexto escolar.....	21
2 REVISÃO DE LITERATURA: REFLEXÕES SOBRE A TEMÁTICA ABORDADA E ALGUMAS INDAGAÇÕES.....	24
2.1 Considerações acerca da pesquisa na perspectiva do currículo em ação e na abordagem da diversidade de gênero.....	24
2.2 EF e as possibilidades de entendimento de gênero no currículo em ação.....	28
3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	36
3.1 Definição geral da pesquisa.....	36
3.2. Fase inicial da pesquisa (2015).....	41
3.3. Novo momento da pesquisa (2016).....	45
4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO.....	48
4.1 Escolas pesquisadas.....	48
4.2 As aulas de EF: O que dizem xs gestorxs e xs professorxs sobre gênero.....	52

4.2.1 A EF na escola Estrela.....	52
4.2.2 A EF na escola Triângulo.....	59
4.2.3 Uma síntese sobre gênero na perspectiva do currículo.....	63
5 FORMAÇÃO CONTINUADA E O EXERCÍCIO DOCENTE: PRODUÇÃO DO PRODUTO TÉCNICO.....	65
5.1 Contextualização e Justificativas.....	65
5.2 O que é o Produto Técnico dessa pesquisa.....	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXO A: PRODUTO TÉCNICO – CADERNO DE IDEIAS.....	78

APRESENTAÇÃO E ALGUMAS ANTECIPAÇÕES

Nesta dissertação apresento reflexões acerca do trabalho desenvolvido no Mestrado Profissional em Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Como objetivo principal, busquei fazer uma proposição para o trato das questões de gênero na perspectiva do currículo em ação na disciplina de EF. Logo, o debate aqui adiante traçado tem por base os estudos bibliográficos e também os registros de observação em duas instituições educacionais estaduais no município de Divinópolis – MG, campo da pesquisa em que desenvolvi o projeto intitulado *O currículo em ação da Educação Física: contribuições para a discussão de gênero no contexto escolar*.

Procurarei discorrer também neste texto: sobre os campos analisados acerca da estrutura organizacional das duas escolas pesquisadas; sobre o aporte teórico e metodológico adotado no estudo; sobre os discursos dxs gestorxs das duas unidades escolares investigadas sobre a práxis docente na disciplina de EF. Para isso recorri às conversas iniciais com xs professorxs, sujeitos da pesquisa, bem como aprofundei o debate com estxs, buscando suscitar reflexões acerca da temática central dialogada neste estudo: a diversidade de gênero na EF escolar.

Nesse trabalho, apresento também considerações sobre o Produto Técnico, que foi produzido inspirado nesta pesquisa, material este solicitado no programa de mestrado como requisito parcial para concessão do título de mestre (Anexo A).

Ao final, apresento os resultados da pesquisa. Antes, trago neste texto alguns dados que possivelmente irão contribuir para a melhor compreensão e o prosseguimento da leitura e entendimento destes resultados.

Pretendo neste tocante, de maneira a esclarecer a escolha dos instrumentos da pesquisa, descrever de forma reflexiva e crítica, as ações que ao longo de minha estrada na educação, em especial nos quinze meses iniciais do supracitado programa de mestrado, me motivam a desenvolver o projeto de pesquisa que perfaz a relação educação física X práxis escolar X gênero X diversidade.

Entendo a práxis escolar como necessariamente, a transição de uma mera prática trabalhista no campo educacional para a sistemática reflexão teórica do ofício docente. Isso significa que, no âmbito da intervenção, no exercício do currículo em ação, a práxis docente manifesta o movimento incessante de transcendência, no qual prima pelas ações carregadas de intencionalidade e, portanto, cheias de sentido e de significado.

Justifico esta pesquisa ao perceber as variadas possibilidades que a EF encontra no espaço escolar para o debate das discussões de gênero em seu currículo em ação. Para Bracht (1997) "(...) a especificidade da educação física no campo acadêmico é a de que ela se caracteriza, fundamentalmente, como uma prática pedagógica" (p.p 13-14). Dessa forma, penso que seja possível perceber que a EF na organização escolar ainda seja vista em um espaço individualizado das demais disciplinas, como um espaço de conhecimento que se destoa dos outros conteúdos vigentes na educação básica, por compreender-se no lançamento de estratégias de ensino e aprendizagem que não se percebe cotidianamente em outras áreas, a se mencionar o uso do corpo e das infinitas possibilidades de manifestação deste.

Utilizando do aporte escolhido para a escrita do Produto Técnico, ao longo desta dissertação existem alguns nomes e termos que são flexionados por X. Exemplo: Ao citar alunos e alunas, preferi utilizar alunxs. Esta adaptação se refere à necessidade de articular o debate da igualdade de gênero e evitar preciosismos frente à heteronormatividade que ainda hoje, afeta grupos de mulheres, de pessoas LGBTs e outros. Apenas serão tratados por seus gêneros definidos os sujeitos da pesquisa, ou seja, xs professorxs e xs gestorxs que participaram do processo que se concretiza nesta dissertação no segundo momento da pesquisa, dada no ano de 2016.

Talvez o desafio maior encontrado ao longo desta pesquisa seja a compreensão da relação educação física X práxis escolar X gênero X diversidade, por eu apresentar uma carreira acadêmica construída fora da área da EF em específico, onde destaco a habilitação em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Bom Despacho – FACEB e a pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola – GDE, pela Universidade Federal de Lavras – UFLA.

Para tanto, pretendo fazer ao longo desta escrita, além da apresentação detalhada de cada etapa da pesquisa desenvolvida, a reflexão sobre os processos que se cadenciaram na perspectiva da produção do Produto Técnico (anexo ao final deste trabalho), pautado em minha experiência docente ao decorrer dos anos nas variadas esferas de ensino que atuei, desde a modalidade de educação infantil até o ensino superior, relacionando com as práticas que promovi até o momento desta pesquisa em nível de mestrado.

Após apresentar a problemática do projeto, que se centra no estudo das manifestações da diversidade de gênero no currículo escolar na disciplina de EF, farei reflexões do percurso da pesquisa.

Na primeira parte apresentarei uma revisão de literatura inicial, bem como alguns ensaios e diálogos dos teóricos pesquisados ao longo de minha estada no supracitado programa de mestrado. Também pretendo debater o problema central da pesquisa, que se esboçou pela busca de identificação das manifestações na prática dxs professorxs da disciplina de EF, que dialogam com a perspectiva da diversidade de gênero nas duas escolas alvos da pesquisa. Esta ação se oportunizou pela análise dos currículos em suas variadas possibilidades de apresentação, tanto na prática formal dxs docentes de EF, no exercício do currículo em ação, alvo central de análise, como no estudo dos documentos norteadores da disciplina e do currículo enquanto mecanismos do processo de ensino e aprendizagem.

Na segunda parte abordarei a discussão dos métodos utilizados, bem como dialogo com diversos teóricos que elucidam as temáticas das escolhas metodológicas aqui abordadas: discorrerei sobre xs sujeitos da pesquisa, sobre o percurso metodológico aplicado e também irei apresentar os dados produzidos.

Ao final ainda apresento o Produto Técnico. Em suma, pretendi abordar neste Produto, algumas práticas para a formação continuada de professores, inspirado nas relações da temática de diversidade de gênero na ação profissional dx docente de EF em atividade no ensino médio, última etapa pertencente à educação básica na manifestação do currículo escolar em ação, com base em todo o período decorrente desta pesquisa.

Entendo no arcabouço desta pesquisa a formação continuada como as possibilidades de iniciativas de formação profissional que envolvem atividades de revisão e aprofundamento dos conhecimentos dx professorx sobre a área de educação, acrescentando-se, nesta perspectiva, estudos específicos sobre a legislação, as nuances e as características do nível de ensino em que estx atua, além de atividades teóricas e práticas que permitem o seu aprimoramento didático-pedagógico. Essas atividades podem ser desenvolvidas integradamente em cursos, capacitações e estudos coletivos, como também em uma ação individual, dada por leituras, reflexões e outras possibilidades.

Onde nesta escrita contém registros das observações ocorridas nas duas escolas do município de Divinópolis – Minas Gerais, cuidarei da isenção da identificação das mesmas. Estas escolas, pertencentes à rede estadual de ensino serão nomeadas somente por escola Triângulo e por escola Estrela.

Em ambas as instituições estaduais de ensino anteriormente citadas, fiz observações na perspectiva do entendimento da discussão da temática de gênero na disciplina de Educação Física – EF, nos seguintes aspectos:

- Relação entre xs alunxs nas aulas de EF e as interações que xs mesmxx desenvolvem no contexto desta disciplina com xs professorxs, sujeitos desta pesquisa;
- os espaços e os recursos utilizados pelxs professorxs de EF no ato de seu ofício docente;
- as opiniões, inquietações, questionamentos e anseios dxs gestorxs das duas instituições frente à disciplina de EF e o corpo docente que nestas atuam;
- os documentos oficiais que regulamentam a disciplina de EF nas escolas e demais documentos oficiais das instituições;
- a fala dxs professorxs sobre a ação dxs mesmxx frente à temática de gênero e as implicações destas para a realidade do processo de ensino e aprendizagem;

- a apresentação de autores e teorias que dialogam com a temática apresentada;
- a observação in loco nas aulas de EF dxs docentes pesquisados.

1 PROBLEMATIZAÇÃO

1.1 Articulando a problemática da pesquisa e seus pormenores

O problema que nesta pesquisa apresento diz respeito às necessidades, bem como aos caminhos possíveis para as discussões do gênero na práxis docente na disciplina de EF, embrenhadas no currículo, concentrado na área de Linguagens e Códigos.

O Ministério da Educação (MEC), em especial entre os anos de 2003, promoveu uma série de medidas no sentido de superar as desigualdades por meio da inclusão social e do reconhecimento de que na sociedade brasileira ainda perduram profundas desigualdades sociais relacionadas ao campo do gênero.

Por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) em articulação com os sistemas de ensino, foram implementadas políticas educacionais nas áreas de alfabetização e educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação em direitos humanos, educação especial, do campo, escolar indígena, quilombola e educação para as relações étnico-raciais.

Percebo que o objetivo da SECADI tenha sido contribuir para o desenvolvimento inclusivo dos sistemas de ensino, voltado à valorização das diferenças e da diversidade, à promoção da educação inclusiva, dos direitos humanos e outros, visando a efetivação de políticas públicas eficazes. Vejo também que estas políticas de governo proporcionaram o desenvolvimento de programas que oportunizaram a qualificação profissional e o direito à escolarização, como no que a seguir descrevo minha participação.

O interesse por essa temática surgiu da minha experiência como docente na educação básica e no ensino superior. Essa vontade se tornou mais forte quando realizei o curso de especialização em nível de pós-graduação *lato sensu* em Gênero e Diversidade na Escola (GDE) oferecido através de convênio entre a Universidade

Federal de Lavras – UFLA e a Universidade Aberta do Brasil – UAB. Este curso apresentava como objetivo principal a formação continuada de profissionais da educação para atuarem na educação básica com a temática de gênero e diversidade.

Esse curso me possibilitou aprofundar no estudo das temáticas aqui colocadas em questão. Ele também aguçou minha percepção com relação às capacidades de, enquanto professor da educação básica da rede pública, compreender e posicionar-me diante das transformações políticas, econômicas e socioculturais do povo brasileiro e dos povos de todo o mundo. Levou-me também ao reconhecimento de que negrxs, índixs, mulheres, homossexuais, travestis e transexuais, dentre outros grupos discriminados, devem ser respeitados e respeitadas em suas identidades, diferenças e especificidades, uma vez que tal respeito é um direito social inalienável.

O problema da ausência de discussão sobre essa problemática se apresentava no meu exercício docente. Na medida em que procurava trazer para o debate a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas cotidianas, no currículo em ação, com professorxs de diferentes disciplinas a respeito das relações de gênero e não encontrava (como ainda não encontro) interesse dxs profissionais que comigo atuam por este tema. Entendo que a esta falta de interesse não seja o único problema a ser diagnosticado e analisado nesta pesquisa. Em alguns casos poderá também ser percebida a falta de conhecimento ou mesmo a manifestação de preconceito frente a temática de gênero. Não posso deixar de evidenciar que acredito que seja muito importante a abordagem na práxis docente na contemporaneidade da discussão central em questão neste estudo.

O termo gênero ainda é de recente uso e começa a ser veiculado na década de 1980 por feministas americanas e inglesas, para exprimir a desigualdade entre homens e mulheres, aparentemente percebida na discriminação e opressão das mulheres. Neste período, as investigações sobre a condição da mulher no espaço social já indicavam tênue desigualdade perante os homens, que aumentava ao passo da observância da classe social, etnia e outras perspectivas. De acordo com Gonçalves Junior e Ramos (2005):

O conceito de gênero explicita o ser mulher e o ser homem como uma construção histórico-social, tendo em vista o que é estabelecido em termos de papéis sociais para estes indivíduos, diferenciando-se, assim, do restrito conceito biológico de sexo, que tende a explicações das diferenças entre feminino e masculino como fruto da “natureza” (p. 05).

Dessa forma, podemos entender que o gênero é uma categoria relacional do feminino e do masculino. O termo leva em consideração as diferenças entre os sexos, assim reconhecendo a desigualdade existente entre estes, mas não as admitindo como justificativa para a exclusão, a negligência de acesso aos bens comuns, à violência, para a exclusão à política, à saúde, educação, entre outros direitos. Pensar no gênero é pensar na mudança nas relações sociais e, assim, nas relações de poder. É um termo que se torna instrumento para entender as relações sociais e, particularmente, as relações sociais entre mulheres e homens.

Frente às indagações deste conceito, surge nesta problemática a oportunidade de dar prosseguimento aos estudos a respeito do gênero na escola ao ingressar no Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de Pesquisa *Educação, Ensino e Humanidade*.

Neste tocante, aqui se apresentam como foco de pesquisa xs professorxs, xs gestorxs e o currículo em ação da disciplina de EF por acreditar que com minha vivência na escola pública, seria um campo de conhecimento em que poderia melhor me aprofundar e também por entender que x docente da disciplina de EF abarque espaços que fogem à regra da sala de aula como principal local formal das práticas de ensino e aprendizagem.

O estudo da problemática de gênero na EF justifica-se por algumas possibilidades que funcionam como uma lente de aumento para essas questões. Dentre elas, destaco que:

- As práticas corporais nesta disciplina se manifestam de maneira mais evidente;
- Os conteúdos de EF (esporte, jogos e outros...) são construções generificadas. As Olimpíadas (evento desportivo que ocorre a cada quatro anos, e que reúne atletas de vários países do mundo, para

competirem em várias categorias esportivas, separados por gênero) são uma das demonstrações de que há separação entre masculinos e femininos;

- O diferente na sala de aula (onde o aluno deve permanecer sentado e em silêncio) opõe-se ao que é proposto nas aulas de EF, demandando assim outros conflitos gerados no decorrer da prática e que revelam mais explicitamente as questões de gênero.

Durante a trajetória no início da incursão no Mestrado até aqui, emergiram questões problematizadoras tais como: quais relações podem ser estabelecidas entre gênero e a EF e seu currículo em ação?; Na opinião dxs professorxs, eles foram preparados para suscitar à prática por meio debate ou trato desta temática?; Xs professorxs sentem-se capacitados para contribuir para a introdução da temática das relações de gênero no âmbito de sua atuação na citada disciplina?; Essxs professorxs têm recebido formação/informação relacionada à temática em questão em outros espaços?

Em suma, nesta pesquisa busquei analisar como xs professorxs de EF percebem em suas experiências de sala de aula questões relativas à relação de gênero. Ao longo deste processo pretendi também construir juntamente com a observação aos docentes (sujeitos da pesquisa) o *Caderno de Ideias*, um material que propõe na perspectiva de ampliar as possibilidades de formação continuada, práticas de atividades sobre o tratamento da diversidade de gênero na realidade escolar, material que compõe este Produto Técnico, de produção obrigatória e exigência para defesa desta dissertação no referido programa de pós-graduação *stricto sensu*.

1.2 Reflexões sobre o contexto escolar

Percebo que a educação brasileira encontra-se na contemporaneidade, a se destacar as duas últimas décadas, em constante transformação de seus valores, não somente políticos e legisladores, mas práticos, a se destacar o bojo do exercício docente.

Este processo transformador desencadeia-se na busca do entendimento de quais rumos os processos educativos devem seguir para alinharem os saberes que no interior dos muros escolares formam xs alunxs, mas que externos a este espaço projetam cidadãos e cidadãs embebidos dos valores que na escola, através das práxis docente, na metamorfose do currículo oculto para o em ação, adquirem.

Neste campo de constante transformação e reforma educacional, reforma não somente política, mas em especial cultural e de formação docente, as reflexões das mudanças sociais da educação, das estruturas regimentais do ensino e dos campos do saber se fazem importante neste debate que aqui se alarga. Xs professorxs, à comprovação de várias pesquisas de nível nacional e internacional (Pimenta, 1999; Tardif 1999; Tardif, Lessard e Lahaye 1991) cada vez mais apresentam maior titulação em formação e qualificação para o trabalho docente.

Logo, Arroyo (2009) nos alerta em depoimento que:

(...) no convívio com professoras e professores percebo que há uma preocupação por qualificar-se, por dominar saberes, métodos, por adequar sua função social aos novos tempos, novos conhecimentos e novas tecnologias. Porém não é por aí que se esgotam as inquietações. Há algo mais fundo em questão: o próprio sentido social de suas vidas, de seus esforços, de sua condição de mestre. Entender o papel que exercem, o peso social e cultural que carregam. Sua condição. Seu ofício. Seu ser professor, professora (p. 34).

Penso que esta questão apresentada pelo autor possa ser um dos motivos que alavancam os processos de mudanças no campo educativo, mas também acredito, em contraponto, que a oferta de qualificação (na maioria das vezes de baixo custo), na modalidade a distância de maneira desenfreada, e mesmo na modalidade presencial em larga escala, seja difícil de ser avaliada em termos de

qualidade. Alguns destes cursos mostram-se de duvidosa competência para a qualificada formação dx professorx para o debate com xs alunxs nos espaços escolares da temática aqui em questão.

Embasando este pensamento, segundo pesquisa divulgada pela Agência Brasil (2015), promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), apenas 58,27% das instituições de ensino superior brasileiras têm incluídos os temas sexualidade e relação de gênero no currículo básico da formação de professorxs. O estudo ainda aponta que dentre as instituições consultadas, 19,42% informaram que não adotam os assuntos na grade curricular, 11,15% incluem apenas relações de gênero, 5% trabalham apenas sexualidade e 6,42% não souberam responder (2015).

Estes dados além de evidenciarem a limitada formação dx professorx da educação básica para o lido com a temática de gênero e outras também relevantes de diálogo aqui tratadas, sinalizam a urgente reforma dos currículos das licenciaturas. Esta reforma pressupõe, em especial, a atenção para o norteamento dxs profissionais da educação que nestes cursos se formam ao entendimento e tratamento no espaço escolar de atuação posterior à titulação, dos assuntos abordados na pesquisa mencionada.

Em se tratando do campo específico da disciplina EF, percebo também as movimentações para esta ideia que a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDBEN 9.394/96 se apresenta. Assim, vejo como necessário rever o papel da EF no espaço escolar, disciplina esta que passa após a citada legislação a ser regulamentada como parte da educação básica nos conteúdos básicos curriculares, etapa que compreende da educação infantil ao ensino médio.

Percebo com base nas leituras que me embrenhei desde o ingresso no programa de mestrado que, desde outros tempos da EF na escola, ações de maneira mais avançada e formal mobilizam grupos a dialogarem e refletirem sobre o real e importante papel desta disciplina para a formação dx alunx inserido no contexto escolar.

Entendo nesta dissertação que as aulas da disciplina integram o campo dos saberes da Base Nacional Comum no currículo das escolas públicas da educação básica brasileira. Penso que também as aulas de EF representam uma gama de

valores que vão bem além do que os currículos prescritos podem determinar. Nelas, os alunos experimentam sua corporeidade, a descoberta de valores sociais, as práticas de interação em grupo que algumas disciplinas pouco utilizam, e em especial, o respeito às limitações e diferenças que se apresentam nas aulas de EF. Nesse cenário, Daolio (1996), propõe que a EF seja Plural:

A Educação Física Plural deve abarcar todas as formas da chamada cultura corporal – jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas – e, ao mesmo tempo, deve abranger todos os alunos. Obviamente, que seu objetivo não será a aptidão física dos alunos, nem a busca de um melhor rendimento esportivo. Os elementos da cultura corporal serão tratados como conhecimentos a serem sistematizados e reconstruídos pelos alunos (p. 41).

Para Saraiva (2005):

Torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões [...] como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no esporte e na educação física (p. 181).

Assim entendo que um dos problemas verificados nas observações às escolas foi a constante separação dos gêneros nestes espaços. É importante ressaltar que somente poderemos pensar na discussão das relações de gênero nas aulas de EF, a partir do entendimento da seguinte perspectiva: das diferenças entre os sexos, os quais, historicamente acarretam desvantagens um ao outro no contexto do corpo. Nesse contexto:

(...) o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (MEYER, 2003, p. 15).

As aulas de EF e as atividades corporais que estas integram, partindo das observações que adiante se apresentam, vêm afirmar a importância da EF enquanto promotora de experiências coletivas que permitem o exercício da linguagem corporal dos seus sujeitos, selecionando e em determinados momentos, segregando um gênero em detrimento do outro. Logo, se possibilita ao discente a aquisição de mais iniciativa, autonomia na resolução de conflitos, respeito aos diversos, assim criando direções para as ações nos processos de ensino e aprendizagem.

2 REVISÃO DE LITERATURA: REFLEXÕES SOBRE A TEMÁTICA ABORDADA E ALGUMAS INDAGAÇÕES

2.1 Considerações acerca da pesquisa na perspectiva do currículo em ação e na abordagem da diversidade de gênero

Entendo que não se mostra simples em um primeiro olhar a ação de compreender e intervir na prática docente da EF escolar no que tange à temática da diversidade de gênero. Mais engenhoso ainda se apresenta esta compreensão quando se pensa no currículo em ação desta disciplina, acerca das ações debruçadas sobre ele na contemporaneidade, em especial no campo da diversidade de gênero.

Iniciando o processo conceitual da esfera curricular que esta pesquisa também se propôs, o currículo em ação, chave deste diálogo, é considerado segundo alguns teóricos (Apple, 2006; Silva, 2004; Sacristán, 2000 e outrxs) como aquele que de fato acontece na escola. É o currículo real. Ele é a transposição pragmática do currículo formal, é a interpretação que professorxs e alunxs constroem, conjuntamente, no exercício cotidiano de enfrentamento das dificuldades, sejam elas: conceituais, materiais, das relações entre professorx e alunxs, entre xs alunxs e entre a comunidade escolar como um todo. São as sínteses construídas por professorxs e alunxs, a partir dos elementos do currículo formal e das experiências pessoais e sociais de cada um (Sacristán, 1998).

Já o currículo oculto, modalidade parecida com o currículo em ação mostra-se como aquele que escapa das prescrições, sejam elas originárias do currículo formal ou do em ação. Diz respeito às aprendizagens que fogem ao controle da própria escola e dx professorx e passam quase despercebidas, mas que têm forte motivação formadora. São as relações de poder entre grupos diferenciados dentro da escola que produzem aceitação ou rejeição de certos comportamentos, em prejuízo de outros. São os comportamentos de discriminação dissimulada das diferenças que classifica, de antemão, certxs alunxs como melhores e outrxs piores.

Este currículo oculto manifesta-se dentre outras formas, na maneira como os profissionais da escola dialogam com os alunos e seus pais e responsáveis, nos métodos aplicados à organização das salas de aula, nos projetos desenvolvidos, no próprio espaço físico da escola.

(...) podemos dizer que o currículo nessa caminhada passa a interessar não mais como uma questão que deve responder ao como – como fazer o currículo – mas ao efeito do currículo – o que ele causa, o que ele diz, o que ele é capaz de fazer (SANTIAGO, 2006, p. 75).

Por fim, o currículo formal pode ser entendido como o conjunto de prescrições oriundas das diretrizes curriculares, produzidas tanto no âmbito nacional quanto nas secretarias de educação e na própria escola. É aquele indicado nos documentos oficiais, nos projetos político-pedagógicos e nos regimentos escolares. Conforme Moreira e Silva, “o currículo é um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação e recriação e, sobretudo, de contestação de transgressões” (1997, p. 28).

Para este entendimento, o trabalho de compreensão destes termos foi embasado nas obras dos teóricos que debatem as temáticas apresentadas dos currículos escolares, compreendendo também nestes as dinâmicas e teorizações da diversidade de gênero, com foco central nesta temática e no currículo em ação.

Na discussão sobre currículo, ao que se discute nesta pesquisa em específico, me reporto ao destaque de três teóricos: Silva (2004), ao tratar do multiculturalismo e das teorias do currículo, afirma em vários de seus escritos que não basta apenas aprender a simplesmente tolerar ou respeitar a diferença, mas que se deve procurar analisar os processos que produzem as diferenças e assim colocá-la sempre em questão. Apple (2006) discute as relações de currículo com o entendimento nas dinâmicas de gênero, raça, classe e orientação sexual. Para esse autor o currículo não é uma mera colagem objetiva de informações, pois estas são sempre frutos de determinados agrupamentos sociais, que decidem o que será transmitido nas salas de aula. Desta forma, não é fundamental saber como o conhecimento será disseminado, mas sim qual saber, e porque este e não outro. Assim, o educador propõe questionamentos alternativos e coloca em xeque o modelo tecnicista. Por fim, Sacristán (2000) conceitua o currículo como uma

construção cultural, um modo de organizar as práticas educativas. De acordo com seus estudos, a teorização sobre currículo não se encontra sistematizada e a sua prática, reflete de forma explícita ou implícita, comportamentos, valores, esquemas de racionalidade que condicionam a teorização do mesmo, que aparece em muitos casos como linguagem e conceitos técnicos, legitimando uma prática efetivada. Por outro lado aparece como um discurso crítico que procura esclarecer os pressupostos e os significados das referidas práticas.

No campo do entendimento do currículo em ação como estrutura mantenedora de poder, aqui evidenciando o mesmo como mecanismo de manifestação de valores, Sacristán (1998) entende que:

O currículo na ação é a última expressão de seu valor, pois, enfim, é na prática que todo projeto, toda ideia, toda intenção, se faz realidade de uma forma ou outra; se manifesta, adquire significado e valor, independentemente de declarações e propósitos de partida. Às vezes, também, à margem das intenções a prática reflete pressupostos e valores muito diversos (p. 201).

Em outra concepção de currículo no exercício de sua ação, Apple (1994) afirma que ele “nunca é um conjunto neutro de conhecimentos, ele é parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo” (p. 59). Ainda reportando a Sacristán (2000), o currículo é tido como uma construção social. Ele é o entrecruzamento de práticas que só podem ser entendidas em um processo complexo de várias fases, que estariam em dois campos: econômico, político, social, cultural e administrativo; e o campo dos condicionamentos escolares.

No primeiro, se encontram o currículo prescrito, o apresentado e o modelado pelo professor; no segundo campo, o ensino interativo ou currículo em ação, o currículo realizado e o currículo avaliado.

Em um campo específico que trata e teoriza a diversidade de gênero, destaque: Louro (2000) ao evidenciar a sexualidade, a adolescência, a identidade e o gênero como uma construção social, uma vez que, a própria sociedade impõe, consciente e inconscientemente, regras, valores e condutas que se constituem como o “padrão de normalidade” aceito pela mesma.

Nesta perspectiva, Weeks (2000) defende que a sexualidade para com as discussões de gênero não é um fenômeno biológico somente, mas que ela é social e

histórica e também Butler (2000) ao questionar as formas de poder e a materialização imposta ao corpo, envolta de um simbólico heterossexual, o que acaba produzindo um domínio de corpos/objetos, um campo de deformação, deixando de lado o sentido plenamente humano.

O gênero, este tratado como a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher e a sexualidade, dada como a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais tornaram-se duas concepções diretamente vinculadas. O resultado disso é que a ação de atravessar a fronteira do comportamento masculino ou feminino apropriado (isto é, aquilo que é culturalmente definido como apropriado) mostra-se, algumas vezes, a suprema transgressão (Weeks, 1986 apud Britzman, 1996, p. 76).

Nesse estudo recorro aos textos e pesquisas de Louro (2001) por apresentarem que apesar da diversidade cultural ser registrada nas políticas sociais da escola, e esta ainda ser frequentada por alunxs de diferentes origens étnico-raciais e de gênero, os conteúdos programáticos dos livros didáticos e dos currículos escolares apresentam como padrão, lamentavelmente, o homem branco e heterossexual.

Encontro em Butler, em especial no Livro *Problemas de gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*, o modo como as discussões referentes ao conceito de gênero se estabelecem na sociedade e fazem manifestar sua denominação de maneira equivocada. Logo, “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”, defende Butler (2010, p. 25), “(...) tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (2010, p. 25).

Considerar as relações de gênero de forma mais ampla do que interações sociais entre meninos e meninas me permitem compreender diversas maneiras de se viver as possibilidades das feminilidades e as masculinidades que diariamente são socialmente construídas, em particular neste estudo no interior dos muros escolares na prática do currículo em ação da disciplina de EF. Possibilidades estas que, infelizmente, podem ser providas de transgressões, de preconceitos, de negligência aos valores morais.

2.2 EF e as possibilidades de entendimento de gênero no currículo em ação

Na esfera da educação nacional, a discussão de gênero está timidamente embrenhada nas práticas escolares, mostrando-se pouco evidenciada nas diversas disciplinas do currículo, na observância do respeito à diversidade, bem como na práxis voltada à formação do discente. Na disciplina de EF mostra-se segundo estudos uma abordagem também limitada. Podemos citar Louro (2001), César (2009), CEPESC (2009).

Faria (2002) afirma que a temática de gênero no campo da pesquisa educacional ainda é um tema timidamente explorado. Para a autora, os vários estudos que tratam das relações de gênero no âmbito escolar não costumam abordar as especificidades das diferentes faixas-etárias e fases da vida. Por outro lado, as investigações que percebem os desníveis etários, e a infância em particular, raras vezes fazem análises de gênero.

Em oposição ao pensamento de Faria, Altmann (2002) afirma que o gênero na etapa da adolescência tem sido objeto de atenção em nossa sociedade do século XXI, principalmente, em relação aos conflitos que neste período se apresentam como gravidez indesejada, descoberta do sexo e outras problemáticas.

Neste entendimento, compreendo que a disciplina de EF apresenta relevante contribuição na formação do indivíduo, pois é também através dela que o conhecimento é difundido. Trazendo mais intimamente para a discussão geral desta pesquisa, o currículo em ação neste tocante pode ser considerado como um veículo de interesses sociais, que aplica valores e crenças aos grupos que atingem.

Para esta pesquisa, desde o seu marco inicial, me reportei às ações de lembrança de minha estada no ensino médio, onde a EF era desenvolvida em grupos isolados de meninos e meninas, reforçando as ações heteronormativas na perspectiva do gênero. Para Daolio (1996) nos anos finais do ensino fundamental ou ao longo do ensino médio:

(...) é possível ampliar os objetivos da Educação Física. (...) trabalhar com a cultura corporal não só no sentido de vivenciá-la, mas também compreendendo-a, criticando-a e transformando-a. Assim, pode-se

pensar numa Educação Física que, além da vivência de movimentos esportivos, ginásticos ou de dança, assegure também um conhecimento a respeito dessas expressões corporais (p.42).

Justifico aqui minha escolha pelo ensino médio me reportando à minha permanência nesta etapa de ensino, que enquanto discente, percebi a latente desmotivação dxs docentes no que concebe à promoção de práticas que cadenciam as temáticas de diversidade de gênero e sexualidade, bem como a ausência da abordagem de relevantes itens dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, que discorrem sobre a importância do entendimento do corpo como mecanismo de expressão de linguagem (BRASIL, 1998).

Nestes parâmetros objetiva-se um ensino baseado na interdisciplinaridade para o ensino médio, que garanta uma formação crítica e reflexiva dxs educandxs inseridos na realidade escolar. Para isso, no documento:

Propõe-se, (...) a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização (1998, p.16).

Ainda de acordo com os PCN, especificamente no caderno de EF, o princípio da diversidade aplica-se na construção dos processos de ensino e aprendizagem e objetiva orientar a escolha de objetivos e conteúdos, visando ampliar as relações entre os conhecimentos da cultura corporal e os sujeitos da aprendizagem. Logo, tende a buscar a legitimação das várias possibilidades de aprendizagem que se estabelecem com relevância nos campos afetivos, cognitivos, motores e socioculturais dos discentes.

Neste diálogo, também percebo nos estudos citados anteriormente (em especial Altmann, 2002) que as movimentações para formações continuadas e cursos para xs educadorxs que atuam com a disciplina de EF tem pequena relevância em comparação a outras áreas, criando assim, em um primeiro momento de análise, um esquecimento do tratamento da temática da diversidade de gênero na formação inicial e continuada dx professorx de EF.

Assim, nesse estudo perfaço uma discussão dialógica tematizada nas relações de diversidade de gênero na prática escolar no ensino médio. Busquei firmar assim o debate acerca das ações que, no exercício do currículo em ação, se

encontram xs professorxs da disciplina de EF, em especial nas duas escolas que estxs atendem e que foram espaço para a pesquisa. Entendo nesta ótica, embasado no pensamento das autoras Cláudia Garcia e Rosimeri Aquino da Silva (2011) que:

Se voltarmos nosso olhar para os territórios escolares, especialmente para aqueles territórios voltados para os primeiros anos de escolarização das novas gerações, vamos encontrar meninos e meninas brincando separadamente. Esta separação pode ter sido estimulada pelos adultos através de interpelações, de comentários como, por exemplo, “isto é brinquedo de menina, este é um brinquedo de menino” (GARCIA; SILVA, 2011, p. 94).

Nesta perspectiva, percebo sob a ótica de minha trajetória pessoal e profissional que desde a educação infantil, mesmo esta etapa não sendo o alvo desta pesquisa, mas como apresentado pelas autoras (2011), que existe a negligência do tratamento de gênero na práxis escolar. Além disso, que estas ações podem manifestar-se em toda a trajetória educacional até o ensino médio, foco deste projeto, e quando manifestadas, criam uma gama de práticas de afirmações sexistas.

Compreendo ainda ao produzir esta escrita que o problema das afirmações de gênero extrapola os bancos escolares, o que em muito reflete no interior destas instituições e se reforça pela manutenção de currículos e pela práxis docente na perspectiva heteronormativa.

Inspirado pelo pensamento de Altmann (2002) constato, com base nas observações nas duas escolas foco deste estudo, que a construção das diferenças de aptidão física e habilidades motoras não são questionadas por muitxs docentes no centro de suas práxis, tornando-se aspectos determinantes para a exclusão por gênero nas aulas de EF. Posso entre os vários estudos aqui já mencionados também evidenciar as pesquisas de Faria (2008), Silva (2011) e outrxs.

Penso na EF, que x professorx deve também atentar-se para a exposição da importância dos processos de desenvolvimento humano, suas relações com o espaço social e outros contextos que permitirão aos alunxs, trazerem uma nova concepção acerca do que necessariamente se faz substancial em sua aprendizagem.

Contudo, como reflexão deste contexto da/na realidade educacional, percebo o descompasso ao articular tal discussão com os *Princípios de Yogyakarta – Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero* que afirma em suas primeiras frases a premissa que:

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Todos os direitos humanos são universais, interdependentes, indivisíveis e inter-relacionados. A orientação sexual e a identidade de gênero são essenciais para a dignidade e humanidade de cada pessoa e não devem ser motivo de discriminação ou abuso. Muitos avanços já foram conseguidos no sentido de assegurar que as pessoas de todas as orientações sexuais e identidades de gênero possam viver com a mesma dignidade e respeito a que todas as pessoas têm direito (2006, p.05).

Assim, entendo que sendo todos os direitos humanos universais, interdependentes, indivisíveis e inter-relacionados, a orientação sexual e a identidade de gênero, na perspectiva da diversidade se apresentam como essenciais para a dignidade e humanidade de cada pessoa, em especial em seu processo de formação escolar. Assim, entendendo o gênero como uma construção social, Goellner (2005) afirma que:

O termo gênero desestabiliza (...) a noção de existência de um determinismo biológico cuja noção primeira afirma que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas diferenças corporais e que essas diferenças justificam (...) desigualdades, atribuem funções sociais e determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo (p. 207).

Acredito assim, que mesmo com esse processo hierarquizador, as construções de gênero não se opõem, ou seja, o feminino não devem ser o oposto nem o complemento do masculino nas práticas a que se destina a disciplina de EF.

Nesta condição acredito ser importante afirmar que a produção do conhecimento no campo da EF e a observância para a discussão da diversidade de gênero mostra-se em evidência após a década de 1980, com o apogeu dos movimentos sociais que permitem o surgimento dos primeiros Programas de pós-graduação *stricto sensu* específicos da disciplina, não somente em instituições públicas como também privadas (CAPES, 2011). Há de se dar destaque ao Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE e o Congresso Internacional de Ciências do Esporte – CONICE, que são eventos científicos

realizados conjuntamente e que são hoje considerados de grande importância dentre os organizados por sociedades científicas (CONBRACE, 2016). Estes, em campos específicos, valorizam os saberes que versam sobre o campo da EF. Há também de se considerar a relevância de pesquisas sobre gênero na EF e no esporte nos últimos tempos, mais em específico na última década, como alguns nesta revisão de literatura apresentados e que, refletem a urgência do debate de abordagens como estas na EF, em especial na EF escolar (Altmann, 1998; Berria, Bevilacqua, Daronco, 2010 e outxs).

Assim, retomando o diálogo com a diversidade de gênero no interior escolar, como apresentado pelo pensamento de Foucault, (citado no artigo *Um nome próprio: Transexuais e Travestis nas escolas brasileiras*) vale lembrar que desde os primeiros estudos acerca da temática de gênero no ambiente escolar, esta ação se faz tímida e “(...) funcionava como um dispositivo discursivo, como também configurava um conjunto de práticas sociais e institucionais que concorreram para os processos de sujeitamento da população” (Foucault, 1984, citado por César, 2009, p.04). Assim, levo em consideração que a aceitação por parte do grupo escolar do debate desta temática é ainda hoje, na maioria das vezes, como percebido por esta pesquisa, negligenciada aos conteúdos curriculares.

Penso que as interações do currículo em ação na escola atual talvez sofram influências pela movimentação social, definindo condutas e identidades referentes ao gênero a partir das vivências particulares de cada docente. Contudo estas ações, em um campo que foge ao meu tímido olhar regional, abrem e restringem possibilidades, incentivam algumas posturas em detrimento de outras baseadas em valores étnicos, culturais, morais, religiosos, entre outros, que através das práticas curriculares são alavancadas, como menciona Bento ao discutir esta problemática no campo do gênero:

A norma de gênero repete que somos o que nossas genitálias informam. Esse sistema, fundamentado na diferença sexual, nos faz acreditar que deve haver uma concordância entre gênero, sexualidade e corpo. Vagina – mulher – emoção – maternidade – procriação – heterossexualidade; pênis – homem – racionalidade – paternidade – procriação – heterossexualidade. As instituições estão aí, normatizando, policiando, vigiando os possíveis deslizes, os deslocamentos. Mas os deslocamentos existem (BENTO, 2006, p.13).

Penso também, que termos como heteronormatividade, homofobia, diversidade sexual e homoafetividade, nunca estiveram em tamanha evidência como na contemporaneidade. Isso se deve ao rompimento de fatores que faziam com que permanecessem apagadas certas concepções, devido a influências religiosas e moralistas, fazendo com que a noção de gênero ganhasse novo enfoque, sendo pertinente a análise de suas movimentações para maior aprofundamento na temática, em específico no que tange ao seu papel na ação curricular.

Pensar o homem como o objetivo da educação exige, antes de tudo, ter clareza a respeito de sua especificidade histórica. O que capacita o homem a tornar-se histórico é, antes e acima de tudo, sua condição de sujeito. É como sujeito que o homem se diferencia do restante da natureza. Ele é o único ser para quem o mundo não é indiferente (ORTEGA Y GASSET, 1963). Isso significa que ele é o único que se desprende de sua condição meramente natural, pronunciando-se diante do real e criando valores. Na criação de valores (“Isto é bom, isto não é.”) revela-se o caráter ético do homem: é por essa característica que ele transcende a necessidade natural, porque cria algo que não existe naturalmente. A criação de um valor lhe permite estabelecer um objetivo que o satisfaça e que só pode realizar-se com a atividade do homem orientada para sua concretização (PARO, 2007, p. 02).

Neste discurso, entendo que a escola, na sociedade contemporânea mostra-se como um espaço formal onde os indivíduos abarcam os conhecimentos sistematizados, de linguagens variadas e de comunicação visual. Entendo por estes princípios, que o ensino de EF no contexto educacional, ofereça aos indivíduos em formação, na esfera das manifestações humanas, no exercício do currículo em ação, apresentarem de diversas formas suas emoções, sua realidade social e sua cultura através de mecanismos estéticos, visuais e corpóreos.

Altmann (1998) em estudo na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais afirma que, na escola, os meninos ocupam espaços mais amplos que as meninas por meio do esporte, espaços estes reproduzidos em quadras, vestiários, pátios, parques e outros, os quais estão vinculados a imagens de uma masculinidade forte, violenta e vitoriosa, o que não se tem previsto nos currículos escolares, fortalecendo a justificativa de estudos acerca deste contexto.

Também Badinter (1993) explicita que nos esportes de competição, a agressão e a violência são os modos onde os meninos expressam que são

“machos”, querendo ganhar e rebaixar os outros, desestimulando assim as meninas para as aulas práticas. Dessa forma, o jogo, por ser, em alguns momentos competitivos acaba por excluir e desmotivar xs alunxs nas aulas práticas de EF.

Nesse caso, o papel dx professorx é primordial, pois deve mostrar aos alunxs que a competição é apenas uma das mais diversas formas de prática. Alinhado com esse pensamento, xs professorxs podem estar sempre atentos às condutas e comportamentos dxs discentes durante as aulas, criando estratégias que possibilitem maior integração e envolvimento entre os gêneros, agindo como interventor sempre que necessário, com o objetivo de promover o respeito entre os mesmos. Isso é reforçado por Thorne quando afirma que:

(...) a presença de adultos entre crianças pode diminuir a separação de gênero, pois, ao incentivarem a prática conjunta de meninos e meninas, os comentários pejorativos provenientes dessa interação são minimizados (1993, p. 237).

Assim, no campo da EF esta visão é dada tanto por apresentar-se como uma disciplina que extrapola a realidade do espaço da sala de aula, utilizando-se para sua ação outros espaços, como também por trabalhar habilidades que vão além do disposto por outras, sendo agregadora de várias manifestações corporais que fogem aos métodos tradicionais do ensino, que vêm a aflorar aparente interesse nxs alunxs.

Entendo também que a prática de EF reverbera-se nas possibilidades dos indivíduos em suas manifestações no lazer, no trabalho, o que não se mostra sempre aparente em outras disciplinas. Trago este questionamento com o intuito de evidenciar a disciplina como um mecanismo diferencial no processo de ensino e aprendizagem.

É apresentado no Livro de Conteúdo da Disciplina *Gênero e Diversidade na Escola* do CEPESC, que “no passado ou no presente, nas mais diversas partes do globo, homens e mulheres nunca deixaram de se organizar em sociedade e de se questionar sobre si e sobre o mundo que rodeia” (2009, p. 20).

Logo, me reporto à Gadotti (1992, p. 34) por acreditar que “afirmar a identidade cultural é afirmar certa originalidade, uma diferença, e, ao mesmo tempo,

uma semelhança”. Para isso, acredito que tal pesquisa problematiza e analisa caminhos para que a disciplina EF possa ser observada no espaço escolar como elemento na construção de uma aprendizagem da interdisciplinaridade, abarcando várias áreas do conhecimento e assim, promover a criação e desenvolvimento de concepção da diversidade de gênero que se alarga na formação humana.

3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

3.1 Definição geral da pesquisa

Em um primeiro momento, a ação de observar as escolas que foram escolhidas para a prática do projeto parecia algo simples. Não imaginava encontrar surpresas, uma vez achava que já conhecia com propriedade tais espaços de outras experiências, vivenciadas como aluno, como profissional e como cidadão do município.

Pensei nas duas escolas escolhidas como uma combinação de perfis distintos, partindo de localidades e culturas territoriais diversas, bem como com diferentes posições (indicadores) nas avaliações externas. Centrei-me nisso focalizando o intuito de traçar um panorama mais abrangente da ação dxs professorxs nas aulas de EF. Também fiz a opção pelas duas instituições por atenderem diferentes públicos de alunxs, tanto em quantidade, quanto em demanda social.

Devo aqui informar que a fiz a escolha pela pesquisa qualitativa com base nos estudos de Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1999); Gil (2002) e Oliveira (2007). A referida escolha se justificou porque a pesquisa no âmbito qualitativo implica na reflexão e análise da realidade. Esta análise não necessariamente toma-se conta do quantitativo, método qual também se reporta à análise da realidade social, contudo não se utilizando de métodos e técnicas para a compreensão do objeto de estudo em seu contexto histórico subjetivo e, eventualmente, segundo sua estruturação (Oliveira, 2007). Ainda, segundo a autora, a abordagem qualitativa permite a compreensão do problema ou objeto de estudo por meio de uma visão sistêmica.

Dessa maneira, “tenta explicar a totalidade da realidade através do estudo da complexidade dos problemas sociopolíticos, econômicos, culturais, educacionais, e segundo determinadas peculiaridades de cada objeto de estudo”. (Oliveira, 2007, p. 58). Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1999), afirmam que, ao contrário das

pesquisas quantitativas, as investigações qualitativas não admitem regras precisas, aplicáveis a uma infinidade de casos, por sua diversidade e flexibilidade.

A pesquisa foi conduzida como já apresentado anteriormente através de revisão de literatura; análise de currículos na forma documental; observações in loco de práticas docentes; por meio de entrevistas com os profissionais que lecionam a disciplina de EF; e a observação das aulas de EF.

Tais escolhas me incitaram a pesquisar como xs professorxs de EF vislumbram e exercitam as questões relativas às relações de gênero com a utilização dos métodos apresentados e adiante justificados.

Neste tocante utilizei como ponto de partida a análise dos princípios apresentados nos currículos prescritos, ou seja, no material documental da disciplina. Este material compreendeu: os conteúdos da disciplina discriminados no Projeto Político Pedagógico da escola, nos planos de aula, nos diários de classe, em planejamentos coletivos e outros.

Como já exemplificado, o material documental, também mencionado como currículo prescrito, que se apresenta nas escolas pesquisadas, se promove de várias outras formas: nos Parâmetros Curriculares Nacionais da disciplina de EF, nos planejamentos individuais dxs professorxs, nos planos anuais de ensino e em outras várias possibilidades, como diários de classe, materiais de apoio, projetos e outros.

Esta análise documental constituiu uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas pelas outras técnicas utilizadas, seja desvelando novos focos do problema (Lüdke e André, 1986).

Também acredito que foi de importante análise as experiências de sala de aula da EF, através das observações, sendo quadra, pátio e outros locais que ocorrem seu exercício docente, permeado pelas variadas manifestações do currículo. Já nas experiências dx professorx em sala de aula, foco central da pesquisa no exercício do currículo em ação e nos outros possíveis espaços estas práticas se deram através de observações. Estes dados são apresentados adiante.

Percebi assim, e logo inicialmente que, no decorrer da pesquisa de campo que quando foi promovida a investigação do fenômeno dos diálogos de gênero nas aulas de EF, gerou-se o desconforto de muitos integrantes do espaço escolar. Isso ocorreu em um primeiro momento em todas as instituições observadas. Uma gestora inclusive alegou: “é um assunto muito perigoso” (2015).

Acredito que não lidar com a discussão da diversidade de gênero no espaço escolar, em específico na segmentação heteronormativa que facilmente se percebe nas práticas desenvolvidas, se promove o obscurecimento desta análise não somente social, mas culturalmente histórica. Em ambas as escolas em que a pesquisa se desenvolveu ocorreram inicial estranhamento dxs gestorxs acerca da temática a ser investigada. Para a gestora de uma das instituições: “A escola está aberta à pesquisa de todos os temas, mas você não acredita que poderia fazer algo que os professorxs gostassem mais de falar?” (2015).

Sei que há muitas temáticas e problemas que surgiram ainda no processo da observação e diálogo com xs professorxs, enquanto vários outros debates que pensava que iriam logo ser identificados, não ficaram latentes, e nem sequer vieram a ser verbalizados por professorxs e alunxs. Entendo que é necessário sair do senso comum e compreender que no arcabouço de possibilidades da pesquisa, nasceram novos valores e significados para o estudo.

Neste estudo, posso elencar algumas ações que se fizeram relevantes:

01. Proposição de observação do campo curricular de ação da EF nas instituições citadas por meio de observação nas aulas de EF das duas escolas;

02. Análise (por meio de pesquisa documental) de currículos e outros elementos curriculares norteadores para verificação da existência da temática de diversidade de gênero nestes;

03. A EF e a discussão de gênero na prática docente para a produção do Produto Técnico.

Na etapa de observação foram acompanhadas como descrito as práticas de um professor e uma professora na perspectiva do currículo em ação em aulas de EF nos 03 anos do ensino médio nas duas escolas. Neste período presenciei os fatos

ocorridos nas aulas. Este procedimento manteve o caráter sistemático e foi advindo das observações, gerando diários de bordo utilizados para a escrita desta dissertação.

As entrevistas com xs professorxs que atuam nestas disciplinas da parte diversificada, também se deram pelo método de entrevista semiestruturada. Este formato de entrevista parte de certos questionamentos básicos, que interessavam à pesquisa, e que, em seguida, ofereceram amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que foram surgindo à medida que se recebia as respostas dxs informantes. Desta maneira, o informante, nesta pesquisa xs professorxs e xs gestorxs, seguindo espontaneamente a linha de seus pensamentos e de suas experiências dentro do foco principal colocado por mim, enquanto investigador, trouxeram contribuições para a produção dos resultados desta pesquisa.

Nestas abordagens, tanto na inicial análise documental, como nas entrevistas e observações, busquei compreender como são elaboradas e desenvolvidas as aulas de EF e se estas são voltadas para a tematização da questão do gênero.

Encontrei neste prisma a necessidade de (enquanto elaborador do Produto Técnico e na ótica desta temática) consolidar práticas de docentes da EF e/ou registros de processos relacionais sob novas possibilidades de interações das discussões de gênero.

Dessa forma, pensei na oportunidade de adentrado do ambiente da disciplina e em contato com estxs profissionais, diretamente envolvidos como sujeitos da pesquisa, promover a escrita do *Caderno de Ideias* como Produto Técnico deste trabalho, este que versa sobre práticas que podem se fazer exitosas e que podem se estabelecer como norte de novas perspectivas da atual realidade no campo da práxis da EF (Anexo A).

Assim, como já descrito, desenvolvi o *Caderno de Ideias*, inspirado nos discursos e práticas destxs professorxs que ao longo da estrada da pesquisa me trouxeram subsídios, que observados na rotina da escola, motivaram-me para tal prática. Em face disso, acredito que o texto contido no Produto Técnico seja uma contingência explícita das principais ações sentidas no decorrer do processo da pesquisa.

Este estudo (embasado nas abordagens apresentadas), buscou verificar como são elaboradas e desenvolvidas as aulas de EF e se estas são voltadas para a abordagem das questões de gênero no currículo em ação, fruto da práxis docente. Dentre os questionamentos levantados, evidenciei:

a) como as aulas de EF são desenvolvidas na perspectiva do gênero e como é o relacionamento entre “meninos” e “meninas”?

b) a escola pode ser considerada um espaço de integração e diversidade?

c) o que a escola pode promover para modificar o pensamento e conceito da sociedade quanto ao gênero?

Como já apresentado, em uma análise do currículo em ação, pretendi com o Produto Técnico que desenvolvi e que segue anexo, sugerir ações e a prática da formação continuada que abarcam os diálogos nos campos do gênero. Entendo que a leitura deste material caminha para a identidade impressa nos processos de formação continuada de professorxs, e estes não se apresentam como novidade. No entanto, saliento para sua importância, relacionando-o com a necessidade de reflexão da postura dx professorx de EF na escola contemporânea frente à temática aqui apresentada.

O ensino médio colocou-se como campo escolhido de análise nesta pesquisa, por representar como grupo alvo xs alunxs que se encontram no período da adolescência, período em que a preocupação com os espaços que o gênero socialmente ocupa se mostram mais tênues.

Como será apresentada mais detalhadamente adiante, a pesquisa de observação, que começou no início do ano letivo de 2015, passou no ano de 2016 por mudanças nos sujeitos da pesquisa, neste caso xs professorxs da disciplina de EF.

3.2. Fase inicial da pesquisa (2015)

Logo, após a produção de uma pesquisa exploratória, tive um novo olhar acerca das ações e reflexões que me motivavam a desenvolver a pesquisa neste campo de estudo, na área da disciplina de EF.

Esta atividade nomeada *exploratório* consistia em ir às escolas elencadas no projeto inicial de pesquisa para reconhecimento das ações de análise que o projeto por ora propunha.

Em princípio eu pretendia trabalhar com quatro instituições estaduais no município de Divinópolis – Minas Gerais. Logo, com este primeiro trabalho de campo, com a observação inicial aos quatro estabelecimentos de ensino, e após fazer um registro destes, com os dados básicos de funcionamento e com as práticas que se desenvolviam nestes espaços no campo da EF, percebi que seria necessário focar em práticas e espaços mais específicos.

Colhi muito material nas observações feitas nestas escolas posteriormente e seria, em apenas uma dissertação, difícil contextualizar com maior riqueza tantos dados de quatro realidades específicas. Portanto, assim, em diálogo com a orientação, optamos por duas escolas, gerando os resultados deste estudo. Mais especificadamente foram escolhidas as duas instituições pela necessidade percebida de maior aprofundamento nas práticas de professorxs de EF.

Prefiro apenas adiante me delongar nas constatações sobre o espaço físico destas escolas, uma vez que primeiramente convido à sensibilização do problema. Em suma, adianto que ambas as escolas apresentam atualmente quadra desportiva coberta, vestiários, bebedouros e arquibancadas.

Penso que estes sejam espaços propícios para o exercício de práticas no campo da EF e que com estes se garantam a qualidade e valorizem os objetivos que se adensam no entendimento da disciplina enquanto campo de valorização da cooperação, da interação entre xs alunxs e do conhecimento de espaços do corpo, estes que fogem em várias ocasiões, ao espaço formal da sala de aula.

Deparei-me nas escolas pesquisadas com outra perspectiva de análise após as observações iniciadas no ano de 2015. As duas escolas estaduais de ensino médio, escolhidas para a prática do projeto estão localizadas, como já mencionado, em Divinópolis, município polo do centro-oeste mineiro que se caracteriza principalmente pela indústria confeccionista e metalurgia/siderurgia e abriga 228.643 habitantes segundo dados do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* – IBGE, advindos do ano de 2014. As instituições são:

1. Escola estadual Estrela – A instituição se localiza em bairro classe média baixa e recebe alunxs dos bairros próximos, mais em específico xs alunxs da escola municipal Cometa, que após conclusão do ensino fundamental de anos iniciais, ou mesmo da educação infantil, lá se matriculam. A escola oferta a educação dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e os três anos do ensino médio. Também oferta o curso de educação de jovens e adultos – EJA, modalidade ensino médio no turno noturno. O número de alunxs que após a conclusão do ensino médio prosseguem nos estudos é pequeno, dados estes advindos de pesquisa desenvolvida no interior da escola, em entrevista à gestão escolar. A instituição oferta o Projeto Escola de Tempo Integral – PROETI para xs alunxs dos anos iniciais do ensino fundamental. A escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno e atende 10 turmas de ensino médio no período matutino (em uma média de 360 alunxs nos três anos).
2. Escola estadual Triângulo – A escola se localiza em um bairro classe baixa da cidade, região onde a predominância da população é de classe média baixa segundo informações da própria gestora. Como o bairro é grande, existe todo tipo de comércio, o que em determinadas situações, afasta os moradores da região central da cidade e das possibilidades que lá se apresentam. A escola atende xs alunxs nos turnos matutino e vespertino. Não existe mais atendimento no turno noturno pela baixa demanda, segundo a gestora. A maioria dxs alunxs são do próprio bairro e de bairros limítrofes. A escola atende todos os anos do ensino fundamental e também os três anos do ensino médio. A escola oferta o PROETI para os anos iniciais do ensino fundamental, o que segundo a gestora é uma forma de afastar xs alunxs da

criminalidade. Nestas aulas, xs alunxs podem realizar as práticas esportivas através de oficinas. O índice de alunxs que seguem nos estudos após a conclusão do ensino médio é pequeno, segundo a gestora. Neste íterim ela alega que o mercado de trabalho xs absorve interrompendo este ciclo de estudos. A escola atende uma turma de cada ano do ensino médio no período matutino, compreendendo um total de 79 alunxs.

A princípio as atividades de observação foram motivadas para conhecer um pouco mais do funcionamento e organização dos espaços escolares, sobre as práticas gestoras e também sobre os projetos político-pedagógicos das instituições, mas nesta ação acabei percebendo vários pontos já referentes ao campo temático da pesquisa.

Xs gestorxs me receberam muito bem nas dependências das escolas e acolheram a pesquisa a ser desenvolvida. Alegaram que xs professorxs de EF, sujeitos principais da pesquisa, poderiam olhar em um primeiro momento com estranhamento para o debate da temática de diversidade de gênero, uma vez que a discussão mostra-se em um primeiro olhar polêmica, mas segundo elxs, seria necessária apenas sensibilização para que elxs estivessem abertxs à discussão. O que realmente ocorreu. Após uma conversa com os professorxs das duas instituições, até então um professor e uma professora na escola estadual Estrela e um professor na escola estadual Triângulo, dei início às observações.

Cabe esclarecer que xs professorxs de EF atuantes nas escolas estaduais de Minas Gerais ingressaram nessas instituições de duas formas:

01. pela admissão por nomeação em concurso público. Alguns já se encontram há décadas no cargo, outros são recém nomeados, de concurso advindo de 2011, 2014 ou;

02. por contrato manifestado por designação (em caso de substituição por licenças, férias, cargo vago), que não gera vínculo com a escola por mais de 12 meses, o que acarreta a constante mudança de professorxs de um ano letivo para outro.

Esta segunda condição ocorreu com todos os professores pesquisados no ano de 2015. Já no ano de 2016, ambos os professores são vinculados às instituições por nomeação.

Ambas as escolas da pesquisa são estaduais e fazem parte da Superintendência Regional de Ensino de Divinópolis, situada neste município. Esta Superintendência faz a gestão das escolas e presta contas à Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, localizada na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais. Os dois/duas gestores foram admitidos por meio de eleição direta, que compreende votação de todos os membros da comunidade escolar. Já as informações referentes ao número de alunos, turmas, e demais dados foram extraídos do Sistema Mineiro de Administração Escolar – SIMADE, atualizado na data de 16 de maio de 2016.

Em conversa inicial com os professores pude perceber (conforme afirmação de ambos os gestores) que as ações que se desenvolvem na perspectiva da diversidade de gênero são tímidas. Os professores receberam sem recusa a ideia da pesquisa, bem como disponibilizaram e autorizaram a observação nas aulas de imediato. Em ambas as escolas, os professores trabalham com ações na prática docente que em muito se assemelham: utilizam bolas, jogos de tabuleiro, alguns materiais para marcação como cordas e cones; têm turmas mistas, (compostas por ambos os gêneros); sempre levam os alunos para a quadra ou pátio logo no início dos horários, espaços historicamente instituídos para tal; os professores utilizam o espaço de sala de aula também como espaço da prática de EF apenas na escola Estrela.

3.3. Novo momento da pesquisa (2016)

A partir da pesquisa de campo, tive o olhar cada vez mais aguçado frente aos detalhes que circundam a disciplina de EF, e assim, comecei a construir reflexões que irão se alongar a seguir. Em 2016, várias mudanças ocorreram nos espaços escolares pesquisados.

No ano de 2015 um professor e uma professora atuavam no nível de ensino médio na escola Estrela e um atuava na escola Triângulo, totalizando três docentes. No ano de 2016 estxs professorxs foram para outras instituições escolares e novxs professorxs, passaram a representar os sujeitos da pesquisa.

Logo, anteriormente a esta decisão metodológica, avaliamos se seria válido acompanhar xs profissionais e mudar de escola, ou se seria importante manter os saberes adquiridos nos dois espaços escolares agregando xs novxs professorxs. Assim, foi feita a escolha pela permanência nas instituições pesquisadas, tentando compreender por meio de observação xs profissionais que lá atuariam.

As práticas dxs professorxs da pesquisa no ano de 2015 e xs que no ano de 2016 se colocam como sujeitos da investigação contribuíram para o diálogo das análises dos dados. Em muito se mostrou válido o encontro destas várias possibilidades de observação dxs professorxs, frente a um mesmo grupo de alunxs em um mesmo contexto escolar.

Como já citei, o campo da pesquisa se restringe ao ensino médio e também ao período matutino de ambas as escolas. Enquanto na escola Estrela se atende 10 turmas de ensino médio, na escola Triângulo apenas três turmas existem. Nestas escolas atuam respectivamente o Professor 01 e a Professora 02, ambos com licenciatura em EF e vinculados à Secretaria de Estado da Educação por meio de concurso público.

Dos dois gestorxs atualmente à frente das escolas, o gestor 01, nasceu em Divinópolis, e é formado em ciências biológicas nas modalidades bacharelado e licenciatura, pela Universidade Federal de Alfenas e está desde o início do ano de 2016 à frente da escola Estrela.

O docente possui pós-graduação em gestão e manejo ambiental em sistemas florestais pela Universidade Federal de Lavras. Também cursou disciplinas de mestrado em ciências da saúde pela Universidade Federal de São João del-Rei. É professor na rede estadual de ensino de Minas Gerais desde 2005. Foi nomeado e encontra-se em atividade desde 2006 na escola Estrela, onde atua desde 2009 como professor das disciplinas Ciências e Biologia e como coordenador do programa PEAS. Anteriormente à sua gestão a escola era dirigida pela professora de Língua Estrangeira Moderna – Inglês, que agora assumiu o cargo de vice-diretora da instituição.

Já na Escola Estadual Triângulo a atual diretora é a gestora 02. A profissional há doze anos atua no conteúdo de Geografia e assim como o gestor 01 é a primeira vez que está à frente de uma escola estadual. Segundo a gestora 02 é sempre um desafio assumir o comando de um espaço que por muitos anos tinha a marca de outra profissional, uma vez que a instituição há mais de uma década foi regida pela gestão de outra professora.

Em especial, no tratamento aos entendimentos dos campos do respeito e igualdade aos gêneros, estas reflexões que aqui se apresentam tornaram-se de relevância para os objetivos que o projeto da pesquisa buscava ao encontro do diálogo com os objetivos previstos.

Outra mudança que também causou desestabilização do processo de pesquisa foram as eleições escolares de ambas as instituições, que no mês de novembro elegeram novos gestores, que a partir de janeiro de 2016 tomaram posse nestas escolas: gestor 01 na escola Estrela e gestora 02 na escola Triângulo.

Como ambas as gestoras anteriores apresentavam todo o conhecimento do projeto, bem como do andamento da pesquisa que aos poucos ia desenvolvendo nas escolas, tive de me dedicar novamente a sensibilizar os dois novos gestores, para que a pesquisa pudesse ter a sua continuidade assegurada.

A conversa inicial com estes novos gestores em muito contribuiu para as demais observações nas práticas dos novos professores que assumiram os cargos de EF nas duas escolas, Professor 01 e Professora 02, e também para as conversas que mantive ao longo do restante do processo de pesquisa com estes docentes.

Segundo o gestor 01, formado na licenciatura de Biologia, a prática de EF na escola Estrela necessitava de uma nova identidade. Já para a gestora 02, o grande desafio da escola Triângulo, no momento em que se deu a pesquisa era transformar as aulas de EF em uma ação pedagógica que os alunos gostassem e se motivassem.

O professor 01, da escola Estrela me recebeu com muita atenção desde o primeiro contato, feito ainda no início do mês de fevereiro de 2016. Logo que me apresentei o mesmo já sabia das linhas gerais da pesquisa (informado pelo gestor 01), e se mostrou atento para todos os questionamentos e perguntas que apresentei ao mesmo. O professor é recém-chegado à escola. O profissional após uma remoção de pessoal da Secretaria de Estado da Educação foi transferido para essa escola, contudo anteriormente atuava em outro município também na disciplina de EF, município onde ainda reside.

Logo que apresentei o interesse de observar as aulas, em especial no nível de ensino médio, o professor sem qualquer questionamento e restrição aceitou o pedido.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO

4.1 Escolas pesquisadas

Na escola estadual Estrela inicialmente no ano de 2015, dois/duas professorxs atuavam no ensino médio com a disciplina de EF. Existia outrx professorx de EF que atuava no ensino médio, mas no período encontrava-se na função de vice-diretorx escolar. Na observação percebi que eram utilizadas nas aulas bolas para futsal, vôlei, handebol e demais acessórios para a prática destes esportes: cones, cordas e outros. Atividades eram são desenvolvidas na quadra, pátio e área recreativa da instituição.

No ano de 2016 que o professor 01 passou a utilizar também a sala de aula. Todos xs professorxs têm licenciatura plena em EF. Percebi que as aulas eram elaboradas com base em planejamento prévio, mas que em alguns momentos, xs alunxs, adolescentes, assumiam o comando das mesmas, fazendo o que queriam e não o que o professor por ora orientava.

Xs alunxs que foram pano de fundo para as observações da prática dxs professorxs se encontram em um período de transição, da infância para a vida adulta. O período da adolescência implica diretamente nas relações discente x docente que se solidificam nas escolas. De acordo com, Osório (1992), a adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano. Nela culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo. Por isto, não podemos compreender a adolescência estudando separadamente os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais. Eles são indissociáveis.

Nesta escola percebi que muitas alunas ficavam na arquibancada enquanto os alunos praticavam futebol. Segundo um dos professores que atuavam no ano de 2015, as meninas preferiam “bater papo que praticar o esporte” (2015) e que “algumas tentativas já foram apresentadas, como outros esportes e outras atividades, como dança” (2015), mas todas sem sucesso. Nas aulas de outra professora de EF, que atuava no ensino médio na escola estadual Estrela no ano de

2015, havia aquecimento e maior participação dxs mesmxxs, ou seja, o número máximo de alunxs que ficaram sem participar das aulas foi de cinco, o que para uma sala de em média 45 alunxs é algo considerável. Segundo a professora: “os alunxs sempre querem coisa nova, mas tudo acaba no futebol” (2015). Isso ficou evidenciado nos momentos finais das aulas (15 minutos), quando a professora permitia que xs alunxs, todos do gênero masculino, pudessem jogar futebol, enquanto as meninas iam para a arquibancada da quadra, para conversarem. Isso parece refletir uma condição histórica e cultural do país que produz o entendimento que apenas os homens podem jogar futebol, enquanto às mulheres mantêm-se à margem de outras possibilidades, neste caso, ficarem na arquibancada.

Na escola estadual Triângulo, por ter apenas três turmas de ensino médio, apenas uma professora é regente das turmas. No ano de 2015 o professor atuante tem licenciatura plena em EF e estava na escola como designado desde o início do ano. Em suas aulas ele utilizava de bola, cone, jogos de cartas, sinalizador, corda, peteca, xadrez. As atividades desta escola eram desenvolvidas no pátio da escola. Para o professor, “as aulas poderiam ser mais produtivas se a quadra da instituição já estive pronta para uso” (2015). Isso somente ocorreu no ano de 2016, quando outra professora, no caso a professora 02 assumiu o cargo, por concurso público, e a quadra poliesportiva já estava construída.

Ao observar a estrutura física, percebi vários aspectos. Todos os prédios são próprios, pertencentes ao Governo do Estado. As instalações das quadras poliesportivas das escolas eram díspares umas das outras. Enquanto na escola estadual Estrela a quadra é coberta, com vestiários e arquibancada, na escola estadual Triângulo a obra da quadra esteve há anos parada e xs alunxs desenvolviam as atividades no pátio. No ano de 2016, as condições para a prática da disciplina de EF se tornaram bem próximas nas duas instituições com a conclusão da quadra poliesportiva da escola, como citado anteriormente. Na escola estadual Estrela, há uma quadra, que apesar de grande, comporta apenas uma atividade por vez.

No ano de 2015, ao discutir com xs gestorxs que atuavam nas escolas Estrela e Triângulo sobre o acompanhamento das práticas dxs professorxs de EF, e dos planejamentos de aula desta disciplina, a fim de observar se estão seguindo os

Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) que são as referências para a educação de ensino fundamental e médio de todo o país, bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9.394/1996, que é a legislação que regulamenta o sistema educacional (público e privado) do Brasil, percebi, mesmo que de maneira discreta, que xs gestorxs, por vários motivos apresentados ao longo das conversas (o principal elencado foi a falta de tempo para esta atividade) não conseguiam fazer um acompanhamento próximo das práticas desenvolvidas pelos professorxs de EF. Para a gestora da escola estadual Triângulo “os diários e os planos de aula são conferidos pelx supervisorx, mas não há tempo de fazer uma análise mais profunda dos conteúdos abordados” (2015).

Logo, a então gestora da escola estadual Estrela afirmou que “devido ao tempo corrido da realidade escolar, eu não tenho controle sobre este tipo de fiscalização” (2015). Não penso neste acompanhamento discutido com xs gestorxs como fiscalização, mas um norteamento das práticas dxs professorxs de EF. Ao conversar com um professor que atuava em 2015, na escola estadual Estrela sobre o tema gênero ele afirmou: “este tema é tratado em outras aulas. Como temos apenas duas aulas por semana, fica difícil tratar desses assuntos nas aulas de EF” (2015).

O professor, da escola estadual Triângulo, no ano de 2015 afirmou que: “sempre tento conversar com xs alunxs sobre o que eles pensam sobre os temas sexo e sexualidade, mas eles querem mesmo é prática na aula de EF” (2015). Já uma professora que atuava na escola estadual Estrela, afirmou que “os alunxs estão em todos os momentos estão vivendo a manifestação do gênero e da sexualidade, e tento, nas minhas aulas, dialogar sobre isso” (2015).

Pude perceber de maneira tímida na fala dxs professorxs o discurso e a prática acerca de ações que circunscreviam a temática de gênero na realidade do espaço escolar. Segundo xs gestorxs, alguns projetos eram desenvolvidos no campo da diversidade, mas que a disciplina de EF nunca foi marco referencial para tal. Pensando neste íterim no currículo prescrito, os projetos nem sempre conduzem os saberes para o campo dos objetivos de todas as disciplinas que o currículo escolar contempla, em alguns casos, obscurecendo algumas possibilidades

que poderiam em muito contribuir com determinados debates, como o tratamento de temáticas urgentes, como a aqui apresentada.

Também observei que as aulas de EF são utilizadas como um meio de paliativamente ajudar nos momentos em que professorxs de outras disciplinas têm compromissos particulares e se ausentam da escola ou são convocados para reuniões. A disciplina é considerada “quebra galho”, como citado pela professora que atua na escola Triângulo. Segundo ela, “as aulas de EF servem para atender mais de uma turma no mesmo horário, ou mesmo para permitir que professorxs de outras áreas possam fazer reuniões e afins” (2015), assim limitando a participação do docente da EF em algumas atribuições de seu cargo além do lecionar, como planejamentos, conselhos de classe, reuniões administrativas e outras.

4.2 As aulas de EF: O que dizem os gestorxs e xs professorxs sobre gênero

Farei a seguir paralelos das visões dxs gestorxs e dxs professorxs observados nas escolas citadas. Primeiro irei apresentar as considerações sobre a escola estadual Estrela e posteriormente sobre a escola estadual Triângulo, articulando a fala dxs gestorxs e dxs professorxs, bem como fazendo paralelos com as observações advindas destes espaços educativos.

4.2.1 A EF na escola Estrela

Para o gestor 01, ao ser indagado sobre as práticas dxs professorxs que anteriormente atuavam na escola Estrela na disciplina de EF, ele alega que não tinham preocupação com a formação humana dxs alunxs, mas somente em lhes oferecer práticas esportivas na quadra, sem intenção pedagógica de formar xs discentes para uma construção esportiva de conhecimento e para os princípios da interação entre os gêneros no espaço escolar e social externo aos muros da instituição. Este gestor, mesmo ainda recentemente no cargo, já percebia as movimentações dxs professorxs de EF na instituição no momento em que ainda atuava como docente. Ele percebe que a reflexão das práticas dxs professorxs “é necessária e também urgente” (2016).

O gestor 01 compreende a importância da pesquisa que por ora foi desenvolvida e em especial apresentou de imediato interesse em contribuir, uma vez que como já apresentado, atuou por anos na instituição na coordenação do Programa de Educação Afetivo-Sexual – PEAS, portanto, já adentrado das temáticas que dialogam esta pesquisa em seu momento de observação e intervenção.

Este programa que atuava o professor, atual gestor 01, apresentava o objetivo central na escola de estimular xs adolescentes a discutirem e refletirem sobre temas relacionados à sexualidade e à saúde reprodutiva.

O PEAS, já conhecido por muitas escolas pelo país, apresenta a proposta da formação de jovens mais conscientes, atuantes e com comportamento mais seguro. O gestor do projeto, enquanto sua atuação na escola Estrela, além de acreditar nesta proposta de articular discursos acerca do entendimento dos valores que os adolescentes apresentam sobre os campos do gênero, também reforça que este é um debate importante na escola contemporânea, em especial na valorização dos processos constantes de transformação com que a realidade educacional brasileira caminha.

Fazendo um pequeno diálogo com a fala do gestor 01, mostra-se de nosso conhecimento que o perfil dos alunos nos últimos anos, em especial com o apogeu tecnológico da última década mudou e muda diariamente. Não somente pelas mídias e redes sociais, mas também com a mobilidade social cada vez mais possível, com os meios de transporte melhor articulados para o conhecimento de outros espaços e com as políticas públicas de obrigatoriedade dos alunos no espaço escolar, tendo esta a educação como garantia nata de existência. Em muitas ações trazem reflexões sobre o importante papel do educador na atualidade e o discurso dos mesmos frente a esta complexa demanda discente.

O gestor 01, que pela primeira vez está à frente de uma instituição de ensino, apresenta vontade de cada vez mais levar aos/as professorxs de sua responsabilidade estas urgentes reflexões, que não somente podem sugerir novos resultados nos processos de ensino e aprendizagem, como podem trazer um novo olhar dos alunos frente aos currículos que em tamanha inquietação não representam, verdadeiramente, a realidade dos alunos da escola do século XXI.

Penso que estas ações sejam importantes não somente no ponto de vista de compreender o panorama dos alunos que a escola recebe, mas também no entendimento dos saberes que estes buscam.

O gestor 01 cita que a abordagem da disciplina na escola em muito mudou após a sua gestão. Ao aplicar novas formas metodológicas para as aulas da disciplina, em especial na mudança da forma de avaliação das práticas, que antes versavam na atribuição de conceito e agora se aplicam notas (numéricas), novas posturas, segundo o gestor, produtivas, dos alunos foram percebidas.

Também em conversa com o Professor 01, agora responsável por todas as aulas do ensino médio, existe a afirmação que a mudança neste método de avaliação trouxe para xs alunxs maior responsabilidade para com as práticas desenvolvidas na disciplina bem como maior motivação para as atividades que se desenvolvem nesta.

Para o gestor 01, a aplicação de avaliação diagnóstica bimestral para aos/às alunxs, estas versando sobre conteúdos que agora são debatidos em sala pelo professor em exercício, trazem um novo olhar frente ao conceito que agora se transforma em nota.

Ainda segundo o gestor 01, e como já descrevi anteriormente, a sala de aula também passou a integrar o espaço onde as práticas de EF são desenvolvidas. Como percebi nas observações do ano de 2015, xs dois professorxs que até o momento lá atuam, utilizavam somente a quadra e em alguns momentos o pátio para as práticas, o que no ano de 2016 se modificou com algumas aulas expositivas nas salas de aula.

As práticas percorridas pelxs anteriores docentes eram voltadas apenas para o cumprimento da carga horária, e pouco elucidava os contextos da temática que evidencia o gênero enquanto construto social dxs adolescentes, público alvo das aulas, bem como as dinâmicas que integravam meninos e meninas na perspectiva de gênero. O professor 01 se mostrou preocupado e também atento aos contextos sexistas que circundam as práticas esportivas no seio de seu exercício docente, como percebido na observação às aulas e também em seu diálogo com xs alunxs.

Tenho de aqui afirmar que existe na instituição um planejamento coletivo entre todxs xs professorxs que também atuam na escola Estrela na disciplina de EF, mesmo estes atuando em diferentes níveis de ensino. Neste planejamento não havia em nenhum momento a abordagem de gênero ao que se refere ao período de observação na escola.

Em conversa com o professor 01, versando sobre o campo de abordagem da pesquisa, para este, as aulas de EF discutem temáticas além do corporal, assim justificando o também uso da sala de aula como espaço formal de conhecimento no campo desta disciplina.

Para este professor, um dos maiores desafios ao ingressar na instituição foi encerrar a prática do “rola bola” (ação de entregar a bola como instrumento da aula aos/às alunxs e deixá-lxs, sem orientação direta, desenvolverem a prática do futsal).

Segundo o professor, e comprovado pelas minhas observações no ano de 2015, as atividades eram muito centradas na prática do futsal e raramente outro esporte, e poucos eram os momentos que havia disponibilizado aos/às alunxs para desenvolvimento de outras atividades, como as práticas de outros esportes e ações no campo da EF como também a articulação de meninos e meninas.

A dinâmica das aulas se dá com a seguinte metodologia. O professor faz a apresentação de aulas de cunho teórico, em sala de aula, de um determinado esporte. No planejamento coletivo citado anteriormente estes esportes foram determinados, um em cada bimestre do ano (handebol, futsal, vôlei e por fim basquete). Assim, após as aulas em que xs alunxs adquirem conhecimentos do campo teórico de cada um desses esportes, as práticas são conduzidas para o espaço da quadra.

No contexto do debate dos espaços escolares para os processos de ensino e aprendizagem, Moreira (2007) afirma que:

O ambiente de aprendizagem escolar é um lugar previamente organizado para promover oportunidades de aprendizagem e que se constitui de forma única na medida em que é socialmente construído por alunos e professores a partir das interações que estabelecem entre si e com as demais fontes materiais e simbólicas do ambiente (p. 318).

Assim, o autor apresenta que estes não sejam apenas salas rotineiras, espaços desinteressantes, mas que sejam atrativos e vise além do aspecto cognitivo, o social, o afetivo, o psicomotor e outras perspectivas de integração de saberes no campo da EF.

Na quadra, a turma é dividida entre meninos e meninas. Como nesse espaço é possível apenas um grupo jogar, cada um dos gêneros tem vinte minutos da aula para praticarem o esporte que anteriormente foi teorizado em sala de aula. Segundo Betti (1991) a divisão em mais de duas equipes jogando na mesma quadra também proporciona maior oportunidade para muitos alunxs de participarem. Muitos jogos

podem ser jogados por mais de duas equipes, no entanto, tradicionalmente jogam duas equipes por vez.

Questionando o professor 01 sobre a possível importância da interação entre meninos e meninas em ação na quadra, ele afirma que o corpo masculino é de “maior brutalidade” (2016) e isso impede que as práticas esportivas tenham sucesso na integração dos gêneros. Outra questão que também pontuei foi o interesse dxs alunxs do sexo oposto ao que está em atuação na quadra, apresentarem interesse em participar da prática (exemplo: um menino apresentar interesse em jogar com o grupo de meninas, e não com o grupo que por ora lhe fora determinado e ao contrário). O professor afirmou com tranquilidade aparente que isso é tratado de maneira natural e aceito, o que foi percebido em uma observação onde um menino promoveu as suas atividades práticas em quadra com o grupo feminino.

Logo, enquanto algumas práticas definem novos nortes ao conceito de integração dos gêneros na EF, outras possibilidades se fecham quando o professor autoriza o aluno ao jogo em outro contexto apenas após sua manifestação. Isso não somente cria limitações no exercício da democracia entre os gêneros como também evidencia a ainda tímida preocupação docente com as práticas de ascensão da diversidade de gênero. Uma possibilidade seria o diálogo inicial com xs alunxs sobre a temática de gênero e suas interações, assim possibilitando as manifestações, naturais e as aptidões individuais de cada um/a.

Penso ser importante dar destaque a esta questão uma vez que marca a discussão central da pesquisa desenvolvida. As reações que percebi dxs discentes da turma frente à aceitação natural da situação me trouxeram conforto. Não percebi nenhuma retaliação ou manifestação de estranhamento dxs alunxs à prática do aluno ao grupo que heteronormativamente lhe foi imputado. Esta ação dialoga com o Projeto Político Pedagógico da instituição Estrela que traz no capítulo das relações entre alunxs, professorxs e funcionários que:

A equipe procurará estabelecer, desde o início, um vínculo afetivo com o aluno, respeitando as diversidades e as particularidades de cada um. Humanizar as relações, estabelecendo normas disciplinares pautadas em leis, e que contribuam para um clima de harmonia e estabilidade emocional que garantam a aprendizagem e a convivência entre os grupos de trabalho (2016, p.17).

Em um dos momentos da observação, pude perceber que as ações que são promovidas no seio das práticas da EF estão além de envolvidas de subjetividades sexistas, também são marcadas por valores que vão além das concepções apreendidas por qualquer docente nos bancos acadêmicos. Em suma, penso que algumas universidades não ensinam professorxs a lidar com a diversidade no campo dos valores e das multiplicidades na esfera do gênero que se apresentam no espaço social escolar. Faço esta afirmação inspirado, sobretudo, na observância dos currículos do curso de EF de três instituições de ensino superior (UEMG, UNIPAC e UNISINOS).

Retomando as práticas de diálogo com o gênero na EF, entendo o corpo neste debate como mecanismo vivo e em potencial e, no viés da prática do currículo de EF, acredito que no exercício consciente das atividades desenvolvidas na disciplina:

Essas práticas corporais constituem um espaço de desenvolvimento e formação da personalidade, na medida em que permitem ao indivíduo experimentar e expressar diversas formas de ser e estar no mundo, contribuindo para a construção de seu estilo pessoal de jogar, lutar, dançar e brincar. Mais ainda, de sua maneira pessoal de aprender a jogar, a lutar, a dançar e a brincar. Pode-se falar em estilo agressivo, irreverente, obstinado, elegante, cerebral, ousado, retraído, entre outros. Nessas práticas o aluno explicita para si mesmo e para o outro como é, como se imagina ser, como gostaria de ser e, portanto, conhece e se permite conhecer pelo outro (BRASIL, PCN EDUCAÇÃO FÍSICA, 1998, p. 56).

Neste diálogo, o professor 01, com experiência de muitos anos em sala de aula compreende as várias necessidades que xs adolescentes apresentam. Isso fica mais marcado em minhas observações quando este tentou, mesmo que com dificuldades, combater comentários que os meninos fazem das meninas. Um exemplo vivenciado a se mencionar são as roupas que as meninas utilizam nas aulas, que em algumas marcam o corpo e também as performances que várias apresentam nas aulas práticas do handebol, como cair, correr e movimentar os seios, o que geram comentários dos meninos, geralmente ocasionando desconforto nas meninas. Estes comentários compreendem as dinâmicas de percepção da diversidade que a sexualidade apresenta no espaço escolar, em destaque no período da adolescência.

Existe na instituição Estrela um grupo de handebol que o professor 01 acompanha todas as semanas em atividades no contra turno. O professor acredita que estas atividades são as que xs alunxs mais gostam, talvez por que sejam livres e não estejam diretamente relacionadas à aplicação de nota. Participam desta atividades alunxs de ambos os gêneros.

Entendo ao acompanhar um destes “treinos” que xs alunxs que participam, de maneira também separada por gênero, mas com harmonia observada, em especial no tratamento entre uns/umas e outrxs, com respeito e distinção, sentem-se bem no espaço escolar, mesmo fora daquele que é previsto nos currículos. Esta também separação também se imputa como um problema. Um fato que constato: x alunx gosta e muito da escola, o que x alunx em vários momentos questiona é o formato que a escola lhe impõe, com carteiras organizadas sistematicamente como há séculos atrás, com métodos de séculos passados, mas com a necessidade de aplicar nos alunxs valores e entendimentos de uma sociedade diversa e plural, que em nada se assemelha à realidade de tempos atrás.

Ainda como percebido nas observações ao longo dos meses em que a pesquisa se desenvolveu e em questionamento ao professor 01, xs alunxs homossexuais não tem tratamento diferenciado no contexto das aulas de EF. Creio que em determinado momento esta postura seja adequada, uma vez que as práticas, em campo macro de observação não negligenciam ou evidenciam estereótipos. Contudo não há uma atenção direta a alunxs, por exemplo: uma aluna que passa por um natural processo transsexualizador, possa vir a necessitar de um acompanhamento mais específico sobre as mudanças que se corpo sofre, sobre as necessidades de não praticar atividades que exigem maior contato físico e outras ações que podem não potencializar as práticas de diversidade entre xs alunxs.

O processo transsexualizador ou cirurgia de mudança de sexo pode ser definido como um conjunto de estratégias assistenciais para transexuais que pretendem realizar modificações corporais do sexo, em função de um sentimento de desacordo entre seu sexo biológico e seu gênero. Este processo, no interior da instituição escolar pode causar, por desconhecimento de professorxs, gestorxs e alunxs, implicações que geram a evasão escolar ou mesmo a ridicularização de integrantes deste espaço educacional.

4.2.2 A EF na escola Triângulo

A gestão da escola Triângulo como já apresentada anteriormente é exercida pela gestora 02, formada na licenciatura de Geografia e que apresenta opinião semelhante a da gestora 01 frente ao que anseia que fossem as aulas de EF.

A gestora está na escola há muitos anos, contudo nunca havia atuado na gestão, mas sempre no campo disciplina de Geografia. A oportunidade surgiu na última eleição e atualmente está na instituição neste cargo. Muitas são as observações da gestora 02 frente ao debate do gênero no espaço escolar, em especial, nas aulas de EF.

Para a gestora ainda é preciso um novo trabalho para que xs professorxs de EF tenham maior entendimento dos espaços de igualdade entre homens e mulheres nos campos destinados às aulas da disciplina em debate. Para a gestora a grande dificuldade que encontra atualmente é a atuação da professora 02 da disciplina de EF, recém-chegada à escola e que deixa a desejar do que existe no ideário de sua formação para uma aula desta disciplina.

Entendo que como a gestora 02 é graduada na área da Geografia, as ideias que apresenta sobre uma aula de EF versam no saber de sua experiência enquanto aluna e no que observou ao longo da vida nas aulas dxs professorxs da disciplina nas escolas em que possivelmente estudou e atuou.

Reafirmo este pensamento ao perceber que a gestora cita este desejo ao comparar as aulas dxs professorxs de EF que pela escola passaram antes da atual e que segundo a gestora, desenvolviam um “trabalho diferenciado” (2016).

A escola tem na grade curricular duas aulas semanais de EF, como na escola Estrela, e comporta atualmente somente uma turma de cada um dos três anos do ensino médio. São turmas pequenas no número de alunxs (em média 20), que em uma análise inicial poderiam facilitar as práticas de integração dos gêneros, como a turma de terceiro ano que tem apenas 15 alunxs. Contudo, as práticas são as mesmas em todas as turmas.

Este “planejamento unificado” (assim chamarei para discorrer sobre a preparação de apenas uma aula para aplicação em várias turmas, mesmo que com faixas-etárias, realidade e níveis de ensino diferentes) em pouco parece contribuir com a participação, uma vez que o gênero feminino sempre fica à margem das práticas e os meninos sempre executam as mesmas práticas, que se limitam ao futsal. Refiro-me ao futsal não como esporte formal, com a aplicação de regras, de contextos educativos e intervenção docente, mas este como espaço onde xs alunxs se divertem: sem fundamentos da EF e do esporte propriamente dito.

A gestora 02 utilizou a seguinte afirmação em nossa primeira conversa: “a educação física aqui é péssima” (2016), o que em muito me assustou, uma vez que não percebia esta desmotivação da gestora e do professor que anteriormente observava no espaço escolar, no ano de 2015. Para a atual gestora, assim como também observado nas aulas que acompanhei, seis ao total no ano de 2016, as alunas ao longo de todas as aulas de EF ficam utilizando os aparelhos celulares nos mais variados espaços da instituição (pátio, jardim, refeitório e até mesmo na quadra) enquanto os alunos do gênero masculino se dedicam ao futsal no espaço da quadra. Talvez estes eram os subsídios para que a gestora considerasse as aulas de EF “péssima” (2016).

A professora 02 que leciona o conteúdo de EF na escola estadual Triângulo, atua pela primeira vez na realidade de uma escola. Ela chegou à escola após aprovação em concurso público. Para a gestora 02, apesar de todas as dificuldades apresentadas, a professora irá aprender na prática a melhor maneira de interagir com xs alunxs. A mesma citou seu exemplo, que quando ingressou no magistério agia de uma forma e agora atua de maneira diferente.

Entendo que este processo de maturação não se limita apenas no âmbito da educação, mas em todas as esferas da ação humana no contexto da experiência para a qualidade. Nesta reflexão da experiência em busca da excelência, de acordo com Tardif (2002),

(...) é no início da carreira (de 01 a 05 anos) que os professores acumulam, ao que parece, sua experiência fundamental. A aprendizagem rápida tem valor de confirmação: mergulhados na prática, tendo que aprender fazendo, os professores devem provar a si próprios e aos outros que são capazes de ensinar (p.51).

Dessa forma, denomina-se, nesta observação em diálogo com a ação da professora iniciante, saída da graduação há cinco anos, que somente pela experiência é que se pode atingir a qualidade das práticas de ensino e aprendizagem. Estxs enfrentam, como percebido na prática pedagógica, da professora 02, que o que a academia apresenta nem sempre se personifica na realidade escolar em que se irá atuar.

Segundo a gestora 02 e também percebido nas aulas de EF observadas nos meses de fevereiro, março e abril, a professora 02 limita-se a acompanhar xs alunxs da sala de aula para a quadra.

O espaço da quadra fica todo tomado pelos meninos enquanto as meninas se espalham por todo o espaço escolar portando maquiagens e aparelhos celulares. Alguns alunos (do gênero masculino) também fazem uso do celular, uma parte de meninos e meninas utilizam os fones de ouvido para escutar músicas.

No Projeto Político Pedagógico da escola é apresentado que x docente deve constantemente “assumir a postura de um eterno aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, dialogando com seus pares, com as famílias, buscando informações necessárias ao trabalho que desenvolve” (2016, p.18). O tempo em que fiz observações na escola não percebi esta ação direta na professora 02. Penso que talvez até mesmo pela falta de acompanhamento pedagógico da instituição ou de sua formação inicial.

A gestora 02 relata que já conversou com a professora 02 de maneira a tentar auxiliar na melhoria das aulas, mas alega que a docente pede que alguém da escola lhe acompanhe nas aulas, o que se faz impossível em especial com a grande demanda de trabalho que a instituição tem e com o restrito corpo de funcionários que a mesma apresenta. A gestora afirma que infelizmente não pode direcionar umx supervisorx para este trabalho, pois isso poderia prejudicar o trabalho destx profissional em outros campos da escola.

Em outra análise, na fala da gestora 02 (que não apresenta conhecimento no campo da EF), afirma que gostaria “que, pelo menos, a professora 02 conseguisse ficar com todxs xs alunxs dentro do espaço da quadra e que xs alunxs não ficassem espalhados por todo o espaço externo da escola” (2016). Ainda para a gestora 02,

como a professora 02 não consegue fazer um maior monitoramento dxs alunxs, estxs várias vezes ficam perturbando outras turmas.

Percebo que xs alunxs estarem dentro ou fora da quadra não seja o problema, mas a organização que xs leva a utilizarem estes espaços, no caso, sem monitoramento ou planejamento que justifiquem o usufruto destes locais que também representam o campo de construção do saber dxs mesmxs.

Percebi também que a condução nas aulas é repetitiva. Sempre que chega à sala de aula, xs alunxs imediatamente descem do segundo andar da escola, espaço este onde encontram as salas de aula e vão para a quadra. Neste trajeto alguns/algumas alunxs, a maioria meninas, se dispersam e ocupam vários os espaços da escola enquanto a maioria dos alunos, (gênero masculino) vão para a quadra para a prática do futsal.

As práticas de motivação para com que xs alunxs participem em outros esportes e também as interações com a professora (em especial com as meninas) não existem. A professora não conversa nem tem contato com xs alunxs. Ela se limita a responder o que elxs, eventualmente, questionam.

Em conversa com a gestora 02, a mesma reafirma que sempre as aulas de EF foram as mais esperadas pelxs alunxs do ensino médio e que não tem percebido esta ação desde que a professora 02 assumiu as aulas no ano de 2016. Para a gestora, apenas 40% da turma participa das aulas e até mesmo alguns “meninos” não querem participar, exaltando nesta fala o gênero masculino em detrimento do feminino.

Assim, no período de observações, percebi que a escola Triângulo em quase nada articulou positivamente as perspectivas que a pesquisa por ora postula. Percebi que esta limitação não partiu somente da professora 02 que atualmente está à frente da disciplina de EF, mas também da equipe gestora que apenas aponta sinalizações negativas ao seu trabalho, e não diretamente intervém para que se possam criar novas possibilidades de atuação desta profissional na instituição.

4.2.3 Uma síntese sobre gênero na perspectiva do currículo

Entendo ao articular as observações das duas escolas, na perspectiva que o ensino de EF é um processo interacional, que este prioritariamente leva aos/às alunos a relacionarem-se de diversas formas no anseio de conhecer diferentes formas de ser. Isso, como em todas as propostas pedagógicas de qualquer disciplina pode acontecer, ou não.

Assim, inspirado na teoria de Sacristán (2000) acerca dos currículos, em especial no currículo em ação e embasado na análise dos sujeitos docentes em suas práxis na disciplina de EF, observei que as aulas não são voltadas para a abordagem da questão de gênero de maneira explícita, estando esta ação presente somente no currículo prescrito.

No exercício cotidiano docente não se mostra claro o diálogo desta temática. Sacristán (2000) pontua o currículo com o contexto social, de sujeitos, interesses e valores que nos permite avançar para a compreensão deste como práxis, que abarca em si um enfoque processual, ou seja, de “(...) configuração, implantação, concretização e expressão de determinadas práticas pedagógicas e em sua própria avaliação, como resultado das diversas intervenções que nele se operam” (2000, p. 101).

Assim, é significativo esclarecer que há relações de poder, isto é, relações desiguais que perpassam a sociedade em geral, e que os estudantes devem ser esclarecidos quanto a isso:

Essas poderiam ser as linhas gerais de um currículo e uma pedagogia da diferença, de um currículo e de uma pedagogia que representasse algum questionamento não apenas à identidade, mas também ao poder ao qual ela está estreitamente associada, um currículo e uma pedagogia da diferença e da multiplicidade (SILVA, 2004, p. 101).

Este currículo foi nomeado de currículo multiculturalista por Silva (2004), que afirma em seus escritos que não basta apenas aprender a simplesmente tolerar ou respeitar a diferença, mas deve-se procurar analisar os processos que produzem as diferenças, procurando assim colocá-las sempre em questão.

Como apresentado pelos professorxs ao longo das observações, eles tem o poder de falar ou não sobre a temática de diversidade de gênero em sua práxis. Essa afirmação mostra-se como um convite a se pensar na escola como importante espaço da luta de classes e ideais, que se apresenta, predominantemente, como luta ideológica na manifestação pela prática docente.

Nesta discussão acredito que ainda há muito a se construir nas escolas para que as práticas que dialogam com a temática de diversidade de gênero não seja apenas conteúdo integrante dos currículos prescritos, subsidiados à verificação e conferência, mas sim assunto interdisciplinar abordado por todos os sujeitos que integram a comunidade escolar, desde a gestão até a participação dos pais.

A discussão de gênero na escola (não apenas na EF) é de fundamental importância. Uma das iniciativas para lidar com a falta de conhecimentos e iniciativas em torno dessa temática pode ser a formação continuada, que discuto a seguir.

5 FORMAÇÃO CONTINUADA E O EXERCÍCIO DOCENTE: PRODUÇÃO DO PRODUTO TÉCNICO

5.1 Contextualização e Justificativas

No entendimento da formação continuada como importante componente da atuação docente, Shigunov Neto e Maciel (2002), afirmam que para que as mudanças que ocorrem na sociedade atual possam ser acompanhadas, é preciso umx novx profissional do ensino, ou seja, umx profissional que valorize a investigação como mecanismo de ensino, que promova reflexão crítica da prática e que esteja sempre preocupadx com sua contínua atualização.

Logo, a formação continuada passa a ser um dos pré-requisitos básicos para a transformação dx professorx e da prática pedagógica, pois é no tocante do estudo, da pesquisa, da reflexão, do constante contato com novas concepções desenvolvidas no processo de formação continuada, que são possíveis novas movimentações no perfil docente.

A construção do Produto Técnico, embasado em uma proposta na perspectiva de formação continuada foi o caminho encontrado para dialogar com a temática aqui discutida.

Torna-se mais difícil x professorx mudar seu modo de pensar, seu fazer pedagógico, se ele não vivenciar novas experiências, novas pesquisas, novas formas de ver e pensar a escola. A perspectiva dx professorx pesquisador deve ir além da sua formação inicial. Segundo Gatti (2010), as propostas curriculares dos cursos de licenciatura têm demonstrado pequenos avanços com relação a ofertar conhecimentos teórico-práticos para enfrentar o labor.

Para a autora, deve existir uma revolução nas estruturas institucionais, nos currículos e nos conteúdos de formação para que ela realmente considere as demandas da educação básica.

A formação de professores não pode ser pensada a partir das ciências e seus diversos campos disciplinares, como adendo destas áreas, mas a partir da função social própria à escolarização – ensinar às novas gerações o conhecimento acumulado e consolidar valores e práticas coerentes com nossa vida civil (GATTI, 2010, p. 1375).

Neste ensejo, a formação continuada pode ser entendida como um processo permanente de busca de saberes necessários à atividade profissional, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos/às discentes. Reitero que a formação continuada não descarta a necessidade de uma boa formação inicial, mas, para que realmente a formação continuada atinja seu objetivo, ela precisa ser significativa para x docente.

A produção do Produto Técnico (*Caderno de Ideias: Diversos e Diversidades nas aulas de Educação Física – Jogos, dinâmicas, debates e afins – Anexo A*) com sugestões que convidam às práticas que permeiam o campo da diversidade de gênero no espaço escolar, coloca foco especial àquelxs que atuam com a EF no ensino médio.

Segundo Nascimento (2000), as propostas de capacitação dxs docentes ainda apresentam baixa eficácia, e algumas das razões apontadas são: a desvinculação entre teoria e prática; a ênfase excessiva em aspectos normativos; a falta de projetos coletivos e/ou institucionais; entre outros. O *Caderno de Ideias* proposto, visa dar suporte a processos de formação continuada que dialogam a perspectiva do gênero.

Entendo que vivemos em uma sociedade complexa no século XXI, em que na realidade:

(...) a noção de complexidade traz também a ideia de uma *heterogeneidade cultural*, que deve ser entendida como uma coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas, etc... (VELHO, 1994, p. 16).

Percebo, entretanto, que na sociedade brasileira as relações de gênero perpassam essa complexidade e, aparentemente, são deixadas à “margem” dos processos de formação de professorxs.

Compreendo que o Produto Técnico possa dialogar e também ser um material a compor processos de formação continuada de professorxs na perspectiva do diálogo com a diversidade de gênero que se eleva como tema relevantes para tratamento com xs discentes investidos na etapa do ensino médio.

5.2 O que é o Produto Técnico dessa pesquisa

Ao iniciar o processo de elaboração do Produto Técnico, havia a motivação de produzir um material em coletivo com xs professorxs que participaram da pesquisa ao longo desses meses. Com as dificuldades encontradas ao longo do percurso (falta de tempo dxs professorxs, mudança dxs professorxs das escolas do ano de 2015 para o ano de 2016, e outras), essa proposta se mostrou menos viável. A ideia inicial seria de dialogar, com xs professorxs sobre os seguintes materiais:

- Notícias de jornais impressos que tratavam e evidenciavam a disciplina de EF como atividade que permeia vários campos: lazer, educação, turismo e também a diversidade de gênero.
- Vídeo entrevista “Desafios de gênero no cotidiano das aulas de Educação Física” com a professora Rosângela Teixeira.
- Leitura do artigo “O gênero nas aulas de Educação Física: questões e conflitos”.

Contudo, me deparei com algumas dificuldades no encaminhamento da proposta:

- a) dificuldade dxs docentes em conseguir horário para além do trabalho na escola;
- b) docentes com altos encargos didáticos semanais;
- c) mudança dos professorxs das escolas (entre o ano de 2015 para 2016).

Dadas essas dificuldades, o caminho alternativo foi iniciar a produção de um material que pudesse auxiliar xs docentes no tratamento da temática de gênero nas aulas de EF: o *Caderno de Ideias*.

Entendo que um *Caderno de Ideias* seja diferente de uma *Cartilha*. Ao buscar a origem da palavra cartilha, a mesma se mostra como livro referencial para a

aprendizagem de algo. Definitivamente esta não era a ideia, ao contrário, pensei em um material que não se apresentasse na escola como mais uma receita pronta para sucesso das aulas, mas sim um material que convidasse x professorx à prática de atividades que evidenciem o debate de gênero.

O objetivo do *Caderno de Ideias* é contribuir para que existam olhares frente às maneiras de tratamento do gênero no contexto das aulas de EF. Penso que este material, ao entrecruzar a realidade dxs professorxs da disciplina, pode favorecer a produção de reflexões sobre o tratamento da temática que se mostra relevante e de necessário entendimento para x alunx no século XXI.

Ao articular textos de sensibilização, jogos, dinâmicas, sugestões de mídias e livros, o material vem lançar-se como pontapé inicial desse debate.

Nele, articulei atividades, com uso de poucos recursos da escola e também busquei utilizar de linguagem simples e direta, a fim de alcançar diretamente x professorx. O trabalho foi produzido em quatro meses e inspirou-se nas observações nas escolas Estrela e Triângulo, que foram foco desta pesquisa.

Sei que estas duas escolas dizem pouco da imensidão de possibilidades que existem em outros espaços educativos e que, também, em muito outrxs professorxs podem contribuir para que os debates aqui articulados possam chegar nas aulas de EF. Contudo, penso que essa seja apenas uma contribuição que xs professorxs possam vir a se identificar e utilizar deste material para ascensão do objetivo a que ele se propõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das hipóteses iniciais deste processo de pesquisa foi que educadorxs podem desenvolver na EF, um trabalho que dialogue com a relação humana e a contextualização social. Entendo que outros estudos já discutiram tal proposta, o que veio a contribuir para o discurso aqui promovido.

Percebi nas escolas observadas, bem como na bibliografia, que na EF há, práticas que em determinados momentos exaltam um gênero em detrimento de outro: como a prática hegemônica masculina do futsal; a exaltação de atividades físicas que demandam menores esforços para o gênero feminino e outras. Entendo que muitxs professorxs atentam-se para práticas menos excludentes e que integrem os valores no campo da diversidade de gênero, mas não foi essa a realidade que me deparei na pesquisa.

Analisar as manifestações do currículo em ação em relação à diversidade de gênero na disciplina de EF no ensino médio em duas escolas estaduais apresentou-se como meu objetivo geral da pesquisa. Este se desdobrou nos seguintes objetivos específicos: identificação das manifestações no contexto da diversidade de gênero contidas no currículo em ação, na disciplina de EF no ensino médio nas duas escolas estaduais no município de Divinópolis; na observação e análise se as ações de afirmação de gênero tinham relevância nos processos de ensino dos discentes nas práticas da disciplina EF; na promoção da discussão acerca das atividades e ações desenvolvidas no âmbito escolar para discussão de gênero nos conteúdos curriculares da disciplina de EF; e por fim na interpretação de ações de afirmação de gênero nas aulas de EF.

Busquei colaborar com esta pesquisa para o debate acerca da temática aqui discutida (gênero nas aulas de EF) e na produção de um material de suporte para x professorx. Entendo que esse tipo de material não se apresenta como novidade. No entanto, salientei para sua importância, relacionando-a à necessidade de participação em processos de formação continuada.

Também nesta pesquisa busquei suscitar a discussão das manifestações

norteadas pelo ser homem e ser mulher nas atividades propostas pela ação docente nas aulas de EF. O estudo propiciou um espaço de reflexão das práticas pedagógicas previstas tanto no currículo em ação como em outras esferas da prática educativa de EF. Penso que xs professorxs e gestorxs, participantes diretamente na pesquisa em muito contribuíram para o debate que aqui se cravou.

O olhar focalizado para a realidade das duas escolas me permitiu compreender a importância de atenção para com essa temática: gênero nas aulas de EF, enquanto componente de importante articulação e de construção de identidade social na realidade dxs alunxs do ensino médio.

Como mencionado no Projeto Político Pedagógico da escola Estrela, mostra-se importante e “cabe à escola estabelecer um diálogo aberto com as famílias considerando-as como parceiras e interlocutoras no processo educativo. Nessa parceria há que se respeitar as várias estruturas familiares que se tem hoje em dia” (p.18). Neste entendimento percebo que se faz importante refletir que x professorx de EF sozinho não consegue integrar valores e práticas que promovam as discussões que versam nos campos da sexualidade e do gênero se a instituição escolar, como um todo, não compreender a importância destes saberes na formação dx educandx.

Os debates sobre gênero em diversas áreas de pesquisa, inclusive no âmbito educacional e principalmente com contribuição dos estudos de diversos pesquisadores, que foram ampliados nesse contexto, ressaltam variadas possibilidades dos corpos e abrem caminhos para as inquietações de uma EF igualitária do entendimento de gênero.

Por outro lado, é indispensável considerar o que alguns pesquisadores como Goellner (2001) chamam a atenção. Apesar do crescimento quantitativo de estudos que se debruçaram sobre as relações de gênero na EF, há muito por ser feito nesse âmbito e o Produto Técnico aqui proposto visa dar vazão a essa demanda.

Alguns/algumas professorxs consideraram o gênero como uma construção social. Contudo, eles mantêm as oposições binárias nos modos de perceber o feminino e o masculino, único e somente como estrutura social, o que provoca algumas confusões em seu entendimento. A esse exemplo posso citar a separação

de meninos e meninas nas aulas de EF (como percebido em alguns momentos da pesquisa) e as normas usadas para diferenciá-los.

Por fim, a separação por gênero nas aulas, como percebido na prática dx professorx 02, na escola estadual Triângulo, conforme Saraiva (2005), funda-se na sociedade onde as mulheres têm papel secundário no mundo esportivo, sendo tratadas pelo homem como incapazes de realizar atividades ditas “masculinas”. Historicamente, as mulheres são consideradas frágeis, dóceis e sentimentais, desse modo, só poderiam praticar atividades leves e de menor possibilidade de esforço. Já os homens praticavam esportes ditos de “machos”, como o futebol o basquete e outros esportes que exigiam maior força. É importante ressaltar nestas considerações que devido à discriminação imposta pela sociedade até tempos recentes, a mulher era proibida de jogar futebol, pois ainda se apresentava o julgamento que poderiam masculinizar-se.

Neste íterim acredito que seja necessário potencializar os debates frente às problemáticas que envolvem os contextos das aulas de EF frente aos diálogos que evidenciam as discussões de gênero no currículo em ação na prática do professor de EF. Estas práticas devem ser refletidas não somente a fim de garantir a colocação igualitária de meninos e meninas na realidade dos espaços educativos da EF, mas também de evidenciar os valores que dialogam com a adolescência, com as movimentações de respeito às diversidades e também no sistemático entendimento da disciplina como importante mecanismo de articulação do saber também a serviço desta temática.

Ao abordar junto aos/às professorxs o tema diversidade de gênero nos currículos de EF e na práxis docente, pude perceber que os professorxs e gestorxs ainda têm dúvidas sobre a problemática e pouco conhecem sobre as demandas que os documentos norteadores da disciplina e da instituição escolar (PPP, Regimento Escolar, LDBEN, PCN...) representam.

Dessa forma, penso que xs professorxs envolvidos e comprometidos com a importância deste estudo, poderão com as reflexões promovidas pelo *Caderno de Ideias* possibilitar além do deslocamento da aprendizagem dxs alunxs, passar a

considerar o conhecimento de mundo e o contexto histórico-cultural dos sujeitos em formação de maneira integral.

Assim, algumas reflexões que ao longo deste estudo se apresentaram, acerca das ações promovidas no campo de observação, pesquisa teórica, bem como o percurso metodológico utilizado, estão em próximo diálogo com as dinâmicas que norteiam um novo olhar frente à práxis docente da disciplina de EF. Em especial, posso citar o campo da discussão de diversidade de gênero dentro dos muros escolares, nas duas escolas observadas no que tange aos seus currículos na ação dos mesmos.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Pesquisa sobre gênero, sexualidade e outras temáticas nas licenciaturas brasileiras.** UNESCO, 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-11/quase-60-das-faculdades-incluem-sexualidade-e-genero-na-formacao-de>> Acesso em: 02/08/2016.
- ALTMANN, Helena. **Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero.** Rio de Janeiro: Motus Corporis, v. 9, n. 1, pp. 9-20, 2002.
- ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física.** Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- APPLE, Michael. **A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional?** In: SILVA, T.T., MOREIRA, A. F. (Org.). *Currículo, cultura e sociedade.* São Paulo: Cortez, 1994.
- APPLE, Michael. **Ideologia e currículo.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ARROYO, Miguel González. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens.** 11ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BADINTER, Elisabeth. **XY – Sobre a identidade masculina.** Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BERRIA, Juliane; BEVILACQUA, Lidiane Amanda; CASTRO, Tatiele Marques Rodrigues; DARONCO, Luciane Sanchotene Etchepare. **O gênero nas aulas de Educação Física: questões e conflitos.** Revista Digital - Buenos Aires - Ano 15 - Nº. 143 - Abril de 2010.
- BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade.** São Paulo: Movimento, 1991.
- BRACHT, Valter. **Educação Física: conhecimento e especificidade.** In: SOUSA, Eustáquia Salvadora de; VAGO, Tarcísio Mauro. (Orgs.) *Trilhas e partilhas: Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais.* Belo Horizonte: Cultura, 1997.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** nº. 9394/96. Brasília: 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998. 114p. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>. Acesso em 01/08/2015.

BRITZMAN, Deborah. **O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo.** In: Educação & Realidade, 21(1): 71-96, jan./jun. 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **História e missão.** 2011. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao>>. Acesso em: 02/07/2016.

CARON, Viviane das Chagas. **Gênero, sexualidade e educação: uma experiência na escola.** 2008. Acesso em: 11/08/2016. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Viviane_das_Chagas_Caron_10.pdf>.

CEPESC – Gênero e diversidade na escola: **formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais.** Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília: SPM, 2009.

CÉSAR, Maria Rita de Assis César. **Um nome próprio: Transexuais e Travestis nas Escolas Brasileiras.** 2009. 14 pp. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2009.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”.** Curitiba: Educar, nº. 35, pp. 37-51, 2009.

CONBRACE. **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.** Disponível em: <<http://www.conbrace.org.br/>>. Acesso em: 26/08/2016.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física escolar: em busca da pluralidade.** Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, suplemento 02, pp. 40-42, 1996.

ESCOLA ESTRELA (Nome Fictício). **Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar.** Superintendência Regional de Ensino de Divinópolis. Divinópolis: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2015.

ESCOLA TRIÂNGULO (Nome Fictício). **Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar.** Superintendência Regional de Ensino de Divinópolis. Divinópolis: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2015.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (org.) Prefácio. **Cadernos Cedes. Infância e educação: As meninas,** (56), 2002, pp.02-04.

FARIA, Eliene Lopes. **A aprendizagem da e na prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GADOTTI, Moacir. **Diversidade cultural e educação para todos.** Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GARCIA, Cláudia; SILVA, Rosimeri Aquino da. A escola e as relações de gênero e de sexualidade da atualidade. In: SILVA, Fabiane Ferreira da; MELLO, Maria Billig (Orgs.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011.

GATTI, Bernadete. **Formação de professores no Brasil: características e problemas**. Campinas: Educação e Sociedade, v. 31, n. 113, pp. 1355-1379, out./dez. 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed., São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005. pp. 207-209.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Gênero, educação física e esportes**. In: VOTRE, Sebastião. Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; RAMOS, Glauco Nunes Souto. **A Educação Física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal**. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10/04/2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Portugal: Porto Editora, 2001.

LOURO, Guacira Lopes; WEEKS, Jeffrey; BRITZMAN, Deborah; HIIKS, Bell; PARKER; Richard; BUTLER, Judith. **O Corpo Educado – Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª edição, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação: teoria e política**. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. pp. 09-27.

MOREIRA, Adelson Fernandes. **Ambientes de Aprendizagem no Ensino de Ciência e Tecnologia**. Belo Horizonte: Cefet-MG, 2007. Notas de aula.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2ª Edição, São Paulo: Cortez, 1997.

NASCIMENTO, Maria das Graças. **A formação continuada dos professores: modelos, dimensões e problemática**. Ciclo de Conferências da Constituinte Escolar. Caderno Temático, Belo Horizonte, n. 05, jun., 2000.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação da técnica**. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **O que é adolescência, afinal?** In: Adolescente Hoje. 2ª Edição. Porto Alegre. Artes Médicas. 1992.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como Exercício do Poder: implicações para a prática escolar democrática**. 2007. Acesso em 08/08/2015. Disponível em: <<http://www.sindservsantos.org.br/>>.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: Identidade e saberes da docência**. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

Princípios de Yogyakarta. Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. 2006. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br>>. Acesso 10/05/2015.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Plano do currículo, plano do ensino: o papel dos professores/as**. In: SACRISTÁN, José Gimeno e GÓMEZ, Angel Pérez. Compreender e Transformar o Ensino. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTIAGO, Eliete. **Formação, currículo e prática pedagógica em Paulo Freire**. IN: NETO, José Batista; SANTIAGO, Eliete (Org.). Formação de professores e prática pedagógica. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2006.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue B. (Org.) **Reflexões sobre a formação de professores**. Campinas: Papirus, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade – uma introdução às teorias do discurso**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SIMADE – **Sistema Mineiro de Administração Escolar**. Disponível em: <<http://www.simade.caedufjf.net/>>. Acesso em: 16/05/2016.

TARDIF, Maurice; LESSARD & LAHAYE. **Os professores face ao saber: Esboço de uma problemática do saber docente**. Teoria & Educação n°4, Porto Alegre: Pannônica, 1991.

TARDIF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**. Rio de Janeiro: PUC, 1999.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

THORNE, Barrie. **Gender play: Girls and boys in school**. New Jersey: Rutgers University Press, 1993.

UEMG. Universidade do Estado de Minas Gerais. **Currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física**. Unidade Ibitaré. Acesso em 25/05/2016. Disponível em: <<http://www.uemg.br/cursos.php?id=68>>.

UNIPAC. Universidade Presidente Antônio Carlos. **Currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física**. Campus Governador Valadares. Acesso em 25/05/2016. Disponível em: <<http://www.unipacgv.com.br/cursos/educacao-fisica-licenciatura/>>.

UNISINOS. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. **Currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física**. Campus São Leopoldo. Acesso em 25/05/2016. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/graduacao/educacao-fisica/presencial/sao-leopoldo>>.

VELHO, Gilberto Cardoso Alves. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

Vídeo entrevista **Desafios de gênero no cotidiano das aulas de Educação Física**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Sd-Y5XKwXHM>>. Acesso em: 01/04/2016.